

ANÁLISE DA FRICATIVA SIBILANTE /S/ DO PORTUGUÊS DO URUGUAI

Javier Eduardo Silveira Luzardo

Orientador: Prof. Dr. Jorge Espiga

Pelotas

Dezembro, 2008

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PELOTAS
ESCOLA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE MESTRADO EM LETRAS

ANÁLISE DA FRICATIVA SIBILANTE /S/ DO PORTUGUÊS
DO URUGUAI

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Letras da Universidade Católica de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Lingüística Aplicada

Javier Eduardo Silveira Luzardo
Orientador: Prof. Dr. Jorge Espiga
Pelotas
Dezembro de 2008

Dedico este trabalho a todos os professores e pesquisadores, sem exceção. Em sua luta constante por um mundo e uma vida melhor.

AGRADECIMENTOS

A todos os professores que em algum momento tiveram-me como aluno, desde o jardim até o último no mestrado, pois eles fizeram parte do meu processo de crescimento. Guardo-os com carinho a todos em meu coração.

Aos amigos do peito ou pessoas especiais: María Pía Mendoza Sassi, Clara Nunes da Silva, María Josefina Israel Semino, Elena Palmero, Aimée Bolaños, Vilson Leffa, Manuel Canosa, Carlos Santos, Adriana Rosinha, Juarez Lopez, Ieda Haertel.

Ao meu Orientador Dr. Jorge Espiga pelas orientações e incentivo em realizar sempre um bom trabalho, sua paciência e dedicação serão sempre lembrados.

Alguém a quem me apaixonei desde a primeira aula. Pessoa exemplar, professora de coração, dedicada, talvez a mais apaixonada das pessoas que conheci em seu afazer de educador, para ela vai a menção honrosa: Profa. Dra. Carmen Lúcia Matzenauer, sempre presente, motivadora e que acreditou até o fim em meu potencial.

Aos colegas de trabalho que sempre me proporcionaram incentivo.

À Prof. Dra. Luciene B. Brisolara que com a sua sabedoria avaliou este humilde trabalho.

Aos meus colegas e funcionários do programa de Pós-Graduação em Letras Mestrado – UCPel, em especial à colega Daniele Corbeta Pilletti pelo esforço e companheirismo demonstrado desde a época de graduação.

De maneira muito especial, à minha família:

Ana Maria Luzardo (Mãe) única, guerreira, exemplar, faltam adjetivos para qualificá-la. Qualquer homenagem será sempre minúscula para ti mãe.

Ao meu sempre pai Darwin Calábria, que me ensinou acima de tudo a ser justo e batalhar sempre, ele é meu espelho de retidão e conduta.

Jacqueline Luzardo, pelo amor e preocupação que sempre dedicou para ver o irmão bem.

Agora, o motivo de todos os meus esforços, pessoa que amo, que me elevou ao grau máximo como ser humano e me deu responsabilidade em dobro. Pessoa que acabou com o meu narcisismo, a ele, meu filho Enzo Luzardo.

E, finalizando, Maristela Luzardo, por tudo o que ela representa, ensinou, além de me ajudar sem medida, sempre apoiando as minhas idéias. Companheira nas horas boas, más, e “vagas”, merecedora do meu amor.

E, finalmente, agradeço ao Grande Arquiteto do Universo, que é Deus, pela oportunidade.

Obrigado a todos vocês!

SUMÁRIO

| | |
|---------------------------------------------------------------------------|-----------|
| LISTA DE TABELAS..... | VIII |
| LISTA DE FIGURAS..... | IX |
| RESUMO..... | X |
| RESUMEN..... | XI |
| | |
| 1. INTRODUÇÃO..... | 01 |
| | |
| 2. REFERENCIAL TEÓRICO..... | 06 |
| | |
| 2.1 Fonética e Fonologia..... | 07 |
| 2.1.1 Fonética | 07 |
| 2.1.2 Fonologia..... | 10 |
| 2.1.3 Fonologia autosegmental..... | 13 |
| 2.1.4 A sílaba..... | 23 |
| 2.1.5 As consoantes do Português Brasileiro..... | 31 |
| 2.1.5.1 Fricativas no sistema Fonológico do Português..... | 35 |
| 2.1.6 As Consoantes do Espanhol..... | 36 |
| 2.1.6.1 As Fricativas do Espanhol..... | 38 |
| 2.1.6.2 Sistema Fonológico do Espanhol do Uruguai | 38 |
| 2.1.6.3 Sistema Fonológico de Consoantes do Espanhol do Rio da Prata..... | 40 |
| 2.1.6.4 A Sibilante implosiva no Português do Uruguai..... | 42 |
| 2.2 Teoria de Contato Lingüístico..... | 43 |
| 2.2.1 Interferência / Transferência e Convergência | 45 |
| 2.2.2 Intercâmbio de códigos..... | 46 |
| 2.2.3 Bilingüismo e Plurilingüismo | 47 |
| 2.2.4 Pidgin | 52 |
| 2.2.5 Crioulo..... | 54 |
| 2.2.6 Variedades de Fronteira..... | 56 |
| 2.2.7 Diglossia..... | 59 |

| | |
|----------------------------------------------------------------------|-----------|
| 2.2.8 DPU - Língua de contato..... | 65 |
| 2.3. A Língua Espanhola e Portuguesa na América Latina..... | 67 |
| 2.4 Teoria da variação..... | 74 |
| 3. METODOLOGIA..... | 77 |
| 3.1 Método de análise..... | 81 |
| 3.1.1 Descrição do Sistema Varbrul..... | 81 |
| 4. DISCUSSÃO DE RESULTADOS..... | 85 |
| 4.1 Processamento conjunto das diferenças entre o PU e o PB..... | 85 |
| 4.2 Processamento de [s] como /_s/ antes de consoante [+sonora]..... | 87 |
| 4.3 Processamento de [h] como /_s/..... | 89 |
| 4.4 Análise autossegmental da aspiração /s/..... | 89 |
| 4.5 Processamento de [z] como /_s/..... | 91 |
| 5. CONCLUSÕES..... | 92 |
| BIBLIOGRAFIA..... | 98 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|--------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Tabela 1 – Escala de Sonância – Clements e Hume (1995)..... | 29 |
| Tabela 2 – Inventário fonético de consoantes do Português Brasileiro..... | 34 |
| Tabela 3 – Consoantes subjacentes do Português Chomsky & Halle (1968)... | 35 |
| Tabela 4 – Fricativas no sistema fonológico do Português..... | 36 |
| Tabela 5 – Fones do Espanhol do Uruguai..... | 39 |
| Tabela 6 – Quadro de fonemas do Espanhol do Rio da Prata..... | 40 |
| Tabela 7 – Fricativas no sistema fonológico do Espanhol do Prata..... | 41 |
| Tabela 8 – Nível fonético fricativas [+sonoras]..... | 41 |
| Tabela 9 – Variedades Diglóssicas..... | 59 |
| Tabela 10 – Situações Diglóssicas..... | 62 |
| Tabela 11 – Relações entre bilingüismo e diglossia..... | 64 |
| Tabela 12 – Distribuição dos Alofones de /_s/ no PU..... | 85 |
| Tabela 13 – Distribuição de [s] em realização de /_s/ antes de consoante [+sonora]..... | 87 |

LISTA DE FIGURAS

| | |
|----------------------------------------------------------------------|----|
| Figura 1 – Mapa geográfico dos lugares de usos dos DPU..... | 04 |
| Figura 2 – Esquema do aparelho fonador..... | 08 |
| Figura 3 – Esquema da cavidade bucal..... | 09 |
| Figura 4 – Diagrama arbóreo (Clements e Hume, 1995)..... | 16 |
| Figura 5 – Representação das consoantes (Clements e Hume, 1995)..... | 18 |
| Figura 6 – Representação das vogais (Clements e Hume, 1995)..... | 19 |
| Figura 7 – Princípio de não cruzamento de linhas de associação..... | 20 |
| Figura 8 – A sílaba Espanhola e Portuguesa..... | 23 |
| Figura 9 – Diagrama do continuo E – P..... | 42 |
| Figura 10 – Esquema de Mühlhäusler..... | 55 |
| Figura 11 – Dialetos Portugueses no Uruguai (Rona 1965)..... | 58 |

RESUMO

O presente trabalho tem o objetivo de analisar como atuam as fricativas sibilantes /_s/(em final de sílaba), inseridas na fronteira lingüística estabelecida nos Dialetos do Português do Uruguai. Esta análise é realizada com os dados do *BDPU – Banco de Dados do Português do Uruguai* – residente na UCPEL e construído de modo interinstitucional, em parceria com a “*Universidad de la República del Uruguay - UDELAR*”.

O corpus deste estudo contou com 2.328 dados ou ocorrências de /_s/, representando os dialetos de Artigas, Rivera, Rio Branco e Chuy. O estudo do comportamento da fricativa fez-se mediante o programa computacional de estatística Varbrul. Além de fatores pertencentes à nova forma evidenciada no Português do Uruguai, como por exemplo, aspiração [h]. Supomos, também, a realização de vogal geminada ocupando o espaço deixado vago pela consoante /_s/.

Também analisamos as ocorrências de /s/→[z]~[h]; Por fim, chegamos a uma fronteira heterogênea rica em história, cultura, e produção lingüística que, além de ser analisada, merece, acima de tudo, ser lembrada como parte histórica do Uruguai.

RESUMEN

El susodicho trabajo posee el objetivo de analizar cómo interactúan las fricativas sibilantes /_s/ (en final de sílaba), insertadas en la frontera lingüística establecida en los Dialectos del Portugués del Uruguay. Análisis ésta realizada con los datos del *BDPU – Banco de Datos del Portugués del Uruguay* – residente en la “*UCPEL*” (*Universidad Católica de Pelotas*) y construido de manera interinstitucional, en conjunto con la Universidad de la República del Uruguay - UDELAR. El corpus de este estudio contó con 2.328 datos u ocurrencias de /_s/, representando los dialectos de Artigas, Rivera, Río Blanco y Chuy.

El estudio del comportamiento de la fricativa se hace por intermedio del programa computacional de estadística Varbrul.

Además de hechos pertenecientes a la nueva forma evidenciada en el Portugués del Uruguay, como por ejemplo, aspiración [h]. Suponemos, también, la realización de la vocal geminada/(larga) ocupando el espacio dejado libre por la consonante /_s/.

También analizamos las ocurrencias de /s/→[z]~[h]; Por fin, llegamos a una frontera heterogénea rica en historia, cultura, y producción lingüística que, más allá de ser analizada se merece, más que nada, que sea recordada como parte histórica del Uruguay.

1. INTRODUÇÃO

Jose Pedro Varela (1964), responsável por difundir o Ensino Gratuito e Laico no Uruguai, considerado o fundador da escola pública uruguaia, argumenta:

*En la hora actual, el Brasil, después de continuados y pacientes esfuerzos, domina con sus súbditos, que son propietarios del suelo, casi todo el Norte de la República: en toda esta zona, **hasta el idioma nacional casi se ha perdido ya, puesto que es el portugués el que se habla con más generalidad.***

Ao introduzirmos José Pedro Varela, o fazemos primeiramente para apresentarmos à comunidade acadêmica uma preocupação que os uruguaiois tinham relativa ao idioma que era praticado em regiões do norte do vizinho país.

Tal preocupação era alicerçada no fato de que essa região norte possuía como língua materna um dialeto português, dialeto que foi denominado como “fronteiriço” e, mais tarde, como DPU (Dialectos Portugueses do Uruguai). Alguns autores (Carvalho 2006, Espiga 2008, entre outros) referem-se a esse conjunto de dialetos como, simplesmente, “português do Uruguai (PU)”.

O Brasil e o Uruguai, ao constituírem fronteira geográfica, proporcionam também, nesse espaço fronteiriço, uns cenários onde os patrimônios culturais e lingüísticos dos dois países entram em contato, misturam-se, enriquecem-se e propiciam realidades múltiplas que interessam aos pesquisadores.

Entre tais possibilidades de pesquisa focalizamos, justamente, a questão do contato e das influências que um contínuo cultural e lingüístico exerce sobre o outro. Entre tais influências, a Dialectologia e a Sociolingüística – especialmente no tocante às Línguas em Contato - têm dedicado especial atenção ao tema das interferências e dos empréstimos que, a partir do contato, uma determinada língua pode proporcionar à outra. O contraste diatópico tem mostrado, nessas observações, que tais fenômenos ocorrem de forma semelhante em diversas

comunidades fronteiriças e que o bilingüismo pode ser observado, não apenas no sentido delimitador que as fronteiras políticas marcam entre os países, mas no interior mesmo de uma mesma comunidade.

Ao partirmos dessas colocações, chegamos à múltiplas perspectivas e dimensões de investigação, nas quais o enfoque interdisciplinar faz-se necessário. Neste trabalho, interessou-nos conhecer o comportamento de determinados fonemas fricativos nesse contínuo lingüístico fronteiriço e, mais precisamente, o que acontece com a variação do segmento /_s/ no DPU. Esse interesse comportamental reside no fato de sabermos que o espanhol do Rio da Prata produz uma aspiração das fricativas em coda em contrapartida, o português não realiza tal aspiração. E a partir dessa premissa, entender se os usuários dos dialetos portugueses no Uruguai também realizam aplicam essa aspiração é um dos nossos objetivos.

Ao citarmos Varela, acima, o fazemos com a intenção de enfatizar que, na região de fronteira com o Brasil, o Uruguai sofreu uma influência significativa em seu processo de formação lingüística, em consequência do próprio processo de ocupação desse território. Nesse processo, que remonta ao período colonial, ocorreram as mais variadas movimentações políticas e econômicas, em função das políticas de expansão e dominação dos impérios de Portugal e Espanha, buscando a hegemonia nessa região.

O norte uruguaio e, de modo geral, a fronteira, constituiu o epicentro dessa contenda. De um lado, os portugueses, avançando até a Colônia do Sacramento e, no rastro desse avanço, consolidando posições. De outro, a preocupação espanhola em conter o avanço português, procurando guarnecer a fronteira, defender a Banda Oriental e, acima de tudo, afirmar a hegemonia no Rio da Prata. Os fortes de fronteira da região de Rocha (UY) exemplificam a preocupação em dominar a fronteira. Nessa região, as trincheiras espanholas ofereceram obstáculo militar intransponível aos portugueses, o que se reflete, atualmente, na própria contenção da língua portuguesa e no predomínio do espanhol sobre o português nas comunidades de Chuí-Chuy, diferentemente do que acontece na fronteira norte.

Pelo passo de fronteira que atualmente conformam as comunidades de Livramento, no Brasil, e Rivera, no Uruguai, por exemplo, região que não contava com a mesma sorte e proteção de tropas espanholas, estabeleceu-se, historicamente, um corredor de livre trânsito, que propiciava o deslocamento de pessoas e o fluxo de colonos, os quais se instalavam em território alheio, em busca de gado ou terra. Na verdade, tal deslocamento deu-se, naturalmente, como continuidade do processo de formação e ocupação do território do Rio Grande do Sul. Nesse contexto histórico, a chegada de portugueses ao norte e nordeste do Uruguai significou, então, não somente o assentamento populacional, mas também econômico, cultural e lingüístico português.

Caggiani (1983 apud Quednau 1993, p.31) assim se refere ao processo de povoamento da fronteira:

Esses acampamentos, em razão das condições das tropas e circunstâncias da luta, eram verdadeiros arraiais com galpões, ranchos e outras construções provisórias. Aí habitavam as mulheres que acompanhavam os soldados e também as famílias dos oficiais. Geralmente, esses acampamentos permaneciam muito tempo em um mesmo local. Assim, quando eram levantados, deixavam alguns de seus ocupantes, principalmente aqueles pertencentes aos ranchos do chamado comércio. Dessa forma, os exércitos sulinos foram deixando sementes de cidades. E começou o povoamento da fronteira.

Atualmente, pode-se encontrar e pesquisar o português uruguaio na região de fronteira, do lado uruguaio, que conformam, em grande parte, os departamentos de Rocha, Treinta y Tres, Cerro Largo, Rivera, Tacuerebó, Salto e Artigas, ou seja, como se vê no mapa abaixo, no norte e nordeste do Uruguai.



Mapa 1 – Lugares de usos dos DPU

Salto, Artigas, Rivera, Tacuerebmo, Cerro Largo, Treinta y Tres, Rocha.

Contudo, mesmo sendo a língua materna de grande parte dos uruguaios fronteiriços naturais desses departamentos, o português uruaio, a partir de certo período da sua história, conforme veremos mais adiante, ficou isolado e restrito ao ambiente doméstico, passando a ser identificado, por motivos essencialmente políticos, como marca de desprestígio ou inferioridade social; em outras palavras, como fala vulgar, sofrendo forte preconceito lingüístico. Como tal, acabou confinado às classes sociais mais baixas. A pesquisa cultural e lingüística vem procurando, como um dos seus objetivos primordiais, manter viva essa história ou

resgatá-la, reconhecendo-a como de suma importância no processo de constituição do patrimônio social da fronteira. Assim, a formação dos falares fronteiriços e a sua evolução diacrônica têm interessado a diversos pesquisadores, entre os quais podemos citar Rona (1965), Behares (1987), Haugen (1973), Elizaincín, Behares e Barrios (1987), Hensey (1972), Elizaincín (1992), Carvalho (2006) e Espiga (2001, 2006, 2008).

A questão do contato lingüístico e da fenomenologia a ele inerente, além de constituir campo de estudo da Dialetologia e da Sociolingüística e de formar um patrimônio cultural a ser preservado, também desperta o interesse entre os profissionais que atuam no ensino das línguas espanhola e portuguesa, seja como língua materna, seja como língua estrangeira. Isso porque, em grande parte, os fenômenos e processos que se manifestam nas zonas de contato lingüístico, nas chamadas “fronteiras naturais”, apresentam-se, de forma igual ou semelhante, no ambiente de ensino formal. No que diz respeito, especificamente, ao tema dos segmentos fricativos do inventário fônico do português do Uruguai, convém observar que pesquisas anteriores, como o estudo de Hensey (1972) em Rivera, Rio Branco e Aceguá, não fazem menção de alguns fenômenos que, hipoteticamente, poderiam ser detectados nos dialetos fronteiriços. Um desses fenômenos é o da aspiração de /s/ em final de sílaba, característico do espanhol do Prata. Seria plausível prever que o português do Uruguai, em função do seu contato permanente com o espanhol, apresentasse uma variante aspirada no cenário de variação de /_s/. Essa hipótese reside no contato entre o Espanhol e o Português no contínuo DPU. Entretanto, em estudos anteriores não há relatos da ocorrência de aspiração nos DPU.

2. Referencial Teórico

Neste trabalho, será apresentada, de forma resumida, a definição de Fonética e Fonologia, bem como das teorias fonológicas que respaldam o presente trabalho - considerações sobre a Teoria Autossegmental e sobre a Geometria de Traços de Clements e Hume (1995), que fundamentarão a análise das fricativas nos DPUs. Primeiramente, apresenta-se um panorama geral sobre Fonética e Fonologia. Segue uma exposição sucinta de alguns dos conceitos básicos da Fonologia Autossegmental. Posteriormente, faz-se um contraste entre os sistemas fonético-fonológicos do espanhol e do português. Apresentam-se os tipos de sílabas em espanhol e português. Logo, sobre as Teorias de Contato Lingüístico contemplando os assuntos sobre interferência, transferência e convergência, intercâmbio de códigos, bilingüismo e plurilingüismo, pidgin, crioulo, variedade de fronteira, diglossia e DPU. Também é contemplado um item sobre a Língua Espanhola e Portuguesa na América Espanhola. No capítulo 3 serão apresentadas as variáveis independentes que dão suporte ao trabalho; logo, a descrição do sistema computacional Varbrul. Posteriormente no capítulo 4 discussão de resultados e, por fim, as conclusões no capítulo 5.

2.1 Fonética e Fonologia

2.1.1 Fonética

A **Fonética** constitui-se no ramo da Lingüística que estuda os sons da fala humana. É possível evidenciar algumas subdivisões na fonética, que são:

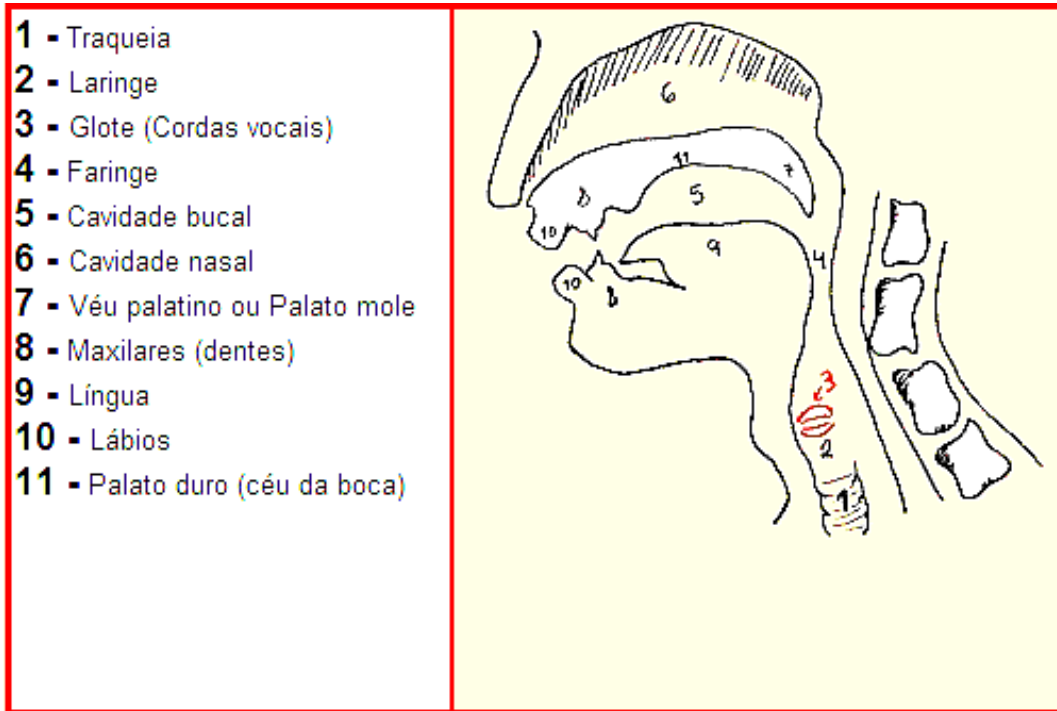
Fonética articulatória: responsável por estudar como os sons são produzidos, isto é, a posição e a função de cada um dos órgãos do aparelho fonador (língua, lábios, etc.);

Fonética acústica: possui como escopo analisar as características físicas dos sons da fala, ou seja, as ondas mecânicas produzidas;

Fonética auditiva: cujo objetivo é o estudo de que maneira é percebida a fala (como a audição distingue os sons).

A unidade básica de estudo para a Fonética é o fone. A fala humana é capaz de produzir inúmeros fones. A forma mais comum de representar os fones pelos linguistas é através do Alfabeto fonético internacional (AFI), desenhado pela Associação Internacional de Fonética (I.P.A.).

Figura 2 - Esquema do Aparelho Fonador



Extraído de: <http://criarmundos.do.sapo.pt/Linguistica/pesquisalinguagem007.html>

Quando espiramos, os pulmões libertam ar. O ar passa pelos brônquios para entrar na traquéia (1) e assim chegam à laringe (2). Na laringe o ar encontra o seu primeiro obstáculo: a glote (3), local onde se encontram as cordas vocais.

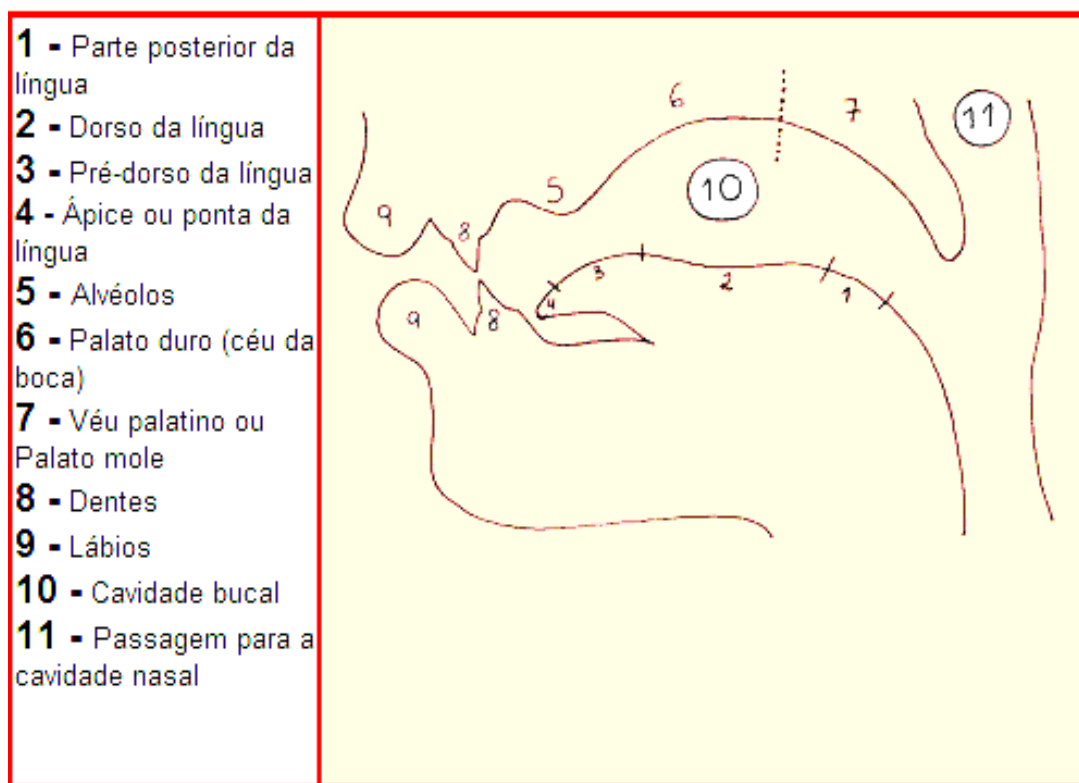
As cordas vocais podem estar fechadas ou abertas: se as cordas vocais estiverem abertas, o ar passa sem obstáculo, dando origem a um som **surdo**; se estiverem fechadas, o ar força a passagem, obrigando as cordas a vibrarem, provocando assim um som **sonoro**.

Após sair da laringe (2), o ar entra na faringe (4) onde encontra dois caminhos: o primeiro relativo à entrada para a boca (5); o outro para a cavidade

nasal (6). No meio está o véu palatino (7) que permite que o ar passe livremente, originando um som nasal, o que impede a passagem pela cavidade nasal, obrigando o ar a passar apenas pela cavidade bucal - resultando em um som oral.

Por fim, o ar passa pela cavidade bucal (a boca), que funciona como uma caixa de ressonância, onde, ao usar os maxilares (8), as paredes da cavidade bucal e, especialmente, a língua (9) e os lábios (10), podem modular-se uma infinidade de sons. Esquematizamos, a seguir, a cavidade bucal.

Figura 3: Esquema da Cavidade Bucal



<http://criarmundos.do.sapo.pt/Linguistica/pesquisalinguagem007.html>

2.1.2 Fonologia

A fonologia é a ciência que estuda os fonemas e a maneira como eles se estruturam nas línguas. Existem várias escolas que realizaram diversos estudos fonológicos, mas os primeiros a estabelecerem o conceito de fonema foram os trabalhos do Círculo Lingüístico de Praga, da qual faziam parte lingüistas importantes. Dentre esses, destacam-se Trubetzkoy, que foi um dos que se interessaram pela compreensão das propriedades fonológicas dos traços fonéticos usados nas diferentes línguas. A sua contribuição consiste na fundamentação da fonologia na classificação das oposições distintivas sobre a base: a) de sua relação como o sistema completo de oposições; b) das relações entre os membros de oposições e; c) da extensão de suas forças distintivas. Em outras palavras, está na análise fonológica dos contrastes fonéticos, demonstrando que o mesmo contraste fonético pode estruturar-se diferentemente nas línguas.

Jakobson e colaboradores também incorporaram a fonética acústica aos estudos fonológicos. Além disso, outra inovação foi converter os traços fonológicos em traços binários. Assim, um traço pode ter dois valores: (+) positivo ou (-) negativo.

Dessa forma, os fonemas poderiam apresentar o traço [+ nasal], presença da propriedade, ou o traço [-nasal], ausência da propriedade.

Tais traços binários foram designados apenas para captar as oposições fonológicas encontradas nas línguas, e não para captar as diferentes realizações fonéticas dessas oposições, referentes ao conjunto de traços distintivos.

Dessa forma, os lingüistas chegaram a um denominador de que os fonemas são conjuntos de unidades mínimas, de traços distintivos; esta noção foi proposta

tanto na escola norte-americana como na européia. Os traços distintivos são as unidades mínimas, contrastivas, que irão distinguir entre si os elementos lexicais, através da identificação de determinado som de uma língua, cada vez que é ouvido como sendo o mesmo som e não outro, com base nos componentes articulatórios e/ou acústicos. Dessa forma, a partir desses traços é que foram organizados os sistemas fonológicos das línguas, tendo presente que as línguas não têm o mesmo sistema, seja pelo número diferente de fonemas, seja pelo funcionamento desses fonemas no sistema.

As variantes fônicas contextuais de um fonema são meros sons denominados alofones. Estes nunca entram em oposição, pois não diferenciam significados. Também se chamam variantes combinatórias, pois não dependem do falante, porém do contexto lingüístico.

A fonologia gerativa teve grande importância com os estudos de Chomsky e Halle, com seu trabalho “The sound Pattern of English”, de 1968, que propuseram um sistema de traços procurando caracterizar as classes naturais – sons que funcionam conjuntamente em regras fonológicas – propiciando a formalização mais econômica de processos naturais.

As classes naturais são compostas por dois ou mais segmentos, e menor número de traços é requerido para especificar a classe do que para especificar cada membro da classe isoladamente, ou seja, os segmentos pertencem à mesma classe natural quando um ou mais dos seguintes critérios são encontrados em uma língua (Hyman, 1975, p. 139-140):

- a) os dois ou mais segmentos sofrem a mesma regra fonológica;

- b) os dois ou mais segmentos funcionam juntos no ambiente da regra fonológica;
- c) um segmento é convertido em outro segmento por uma regra fonológica;
- d) um segmento é derivado no âmbito de outro segmento (como no caso da assimilação).

Uma regra é válida e natural sempre que os segmentos envolvidos pertençam à mesma classe natural.

Nesse modelo, os traços distintivos fazem parte de uma classe universal de traços fonéticos, os quais também classificam, no nível fonológico, os segmentos existentes nas formas de base de cada língua, isto é, se por um lado os traços distintivos são designados para descrever os conteúdos fonéticos dos segmentos derivados de regras fonológicas, por outro, categorizam os segmentos subjacentes. Chomsky e Halle, portanto, observaram também a presença de traços não contrastantes nos segmentos, não se detendo apenas nas suas propriedades distintivas. A grande importância dos traços distintivos para a teoria fonológica pode ser verificada a partir da formalização de regras fonológicas com base em diferentes modelos teóricos, em um modelo que não segmentasse os fonemas em traços distintivos.

Cada fonema, nesse modelo, é definido por um conjunto de traços, uma coluna de traços. Dividindo-se os segmentos em traços, é possível evidenciar a naturalidade das regras e descrever o funcionamento das línguas.

A fonologia gerativa de Chomsky e Halle sofreu uma série de modificações em suas hipóteses básicas, principalmente no que se refere a seu caráter linear e à organização dos traços dos segmentos. O modelo gerativista, no tocante aos

traços distintivos, foi questionado, pois se detectou que algumas vezes os traços funcionavam independentes dos outros traços e, em outras, em conjuntos com determinados traços. Dessa forma era preciso expressar esse comportamento diferenciado entre os traços distintivos.

Com a Fonologia Autossegmental, foi possível a representação dos traços de forma independente (como autossegmentos), em virtude da proposição de uma hierarquia entre os traços que compõem a estrutura de cada som da língua.

2.1.3 Fonologia Autossegmental

Desenvolvida inicialmente por Goldsmith, em 1976, representa a primeira tentativa de integrar as propostas não-lineares do ponto de vista da organização dos traços dentro de um marco conceptual derivado da fonologia gerativista clássica. Goldsmith observou que em muitas línguas tonais o apagamento de um segmento não implicava o desaparecimento do tom que recaía sobre ele, mas que esse tom podia espalhar-se para outra unidade fonológica. A Fonologia Autossegmental passou a defender que o segmento apresenta uma estrutura interna, isto é, que existe uma hierarquização entre os traços que compõem determinado segmento da língua. O reconhecer uma hierarquia entre os traços, passou-se a analisar os segmentos em camadas, ou seja, pôde dividir partes do som e tomá-las independentemente. A Fonologia Autossegmental caracteriza-se por tratar os traços fonológicos como unidades cujo domínio pode ser maior ou menor que um segmento e cuja representação, refletindo a organização hierárquica, deve ser feita em diferentes camadas, dispostos em diferentes planos.

A geometria de traços fonológicos adotada por Clements (1985, 1991) diz que os traços que constituem os segmentos que estão no mesmo morfema são adjacentes e formam uma representação tridimensional que permite distingui-los.

O princípio que rege a Geometria de Traços é que somente conjuntos de traços que tenham um nó de classe em comum podem funcionar juntos em regras fonológicas.

A estrutura arbórea possibilita expressar a naturalidade dos processos fonológicos que ocorrem nas línguas do mundo, atendendo ao princípio de que as regras fonológicas constituem uma única operação, seja de desligamento de uma linha de associação ou de espraiamento de um traço.

Desde que as regras fonológicas se aplicam às classes naturais de sons, podem ser definidas em termos de traços, explicando-se dessa forma também a aquisição da linguagem, os transtornos e as mudanças históricas da linguagem.

Ao contrário dos modelos anteriores, a Fonologia Autossegmental vai organizar os traços, com base na idéia central de que as representações fonológicas estão compostas por várias camadas – “tiers” – independentes e que são ligados entre si através de linhas de associação. As regras fonológicas podem atuar sobre estes autossegmentos individualmente, ou podem afetar conjuntos de traços. Os traços são definidos como simultâneos e estruturados no nível fonológico, realizando-se assim a organização hierárquica dos traços na representação fonológica. Tal organização vai se expressar em dois sentidos: em um ordenamento de traços que fornecem evidências da natureza do seu comportamento em certos tipos de regras fonológicas, ou seja, certos conjuntos de traços comumente atuam como unidades funcionais com relação às regras

fonológicas. Entende-se, assim, que os sons da fala são produzidos em lugares ou pontos do sistema fonador, como a língua, os lábios, a laringe, bem como os aspectos de fonação, e que são complexos por natureza. Envolvem um conjunto de traços que designam e descrevem lugares ou pontos do sistema fonador, como a língua, os lábios, a laringe, bem como aspectos da fonação, organizando-se hierarquicamente.

A organização fonológica dos traços foi representada através do agrupamento em estruturas arbóreas hierarquizadas. Os grupos menores são sucessivamente reagrupados em classes maiores até que todos os traços venham a formar um nó único, ou seja, o nó raiz, que domina todos os traços, e é denominado por uma unidade abstrata de tempo (Clements e Hume, 1995).

Os traços fonológicos possuem “status” de segmentos autônomos, portanto, são autossegmentos, colocados em camadas independentes.

Essas camadas são chamadas de “tiers”. Dessa forma os traços podem entrar em relações não-lineares com outros “tiers”.

Para esse modelo, o segmento apresenta uma estrutura interna com hierarquização dos traços que o compõem, constituindo, segundo Clements e Hume (1995: 249-251), uma geometria de traços. Um nó articulador agrupa esses traços com base no articulador que os executa (Bisol, 1994:128), através de configurações de nós hierarquicamente ordenados, em que os nós terminais são traços fonológicos e os nós intermediários, classes de traços.

A organização interna dos segmentos pode ser representada mediante um diagrama arbóreo como se mostra a seguir:

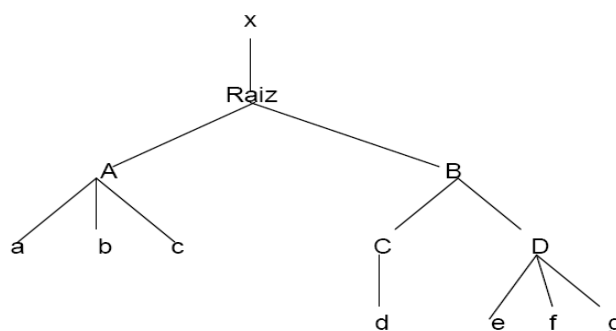


Figura 4 - Diagrama arbóreo mostrando a organização interna de um segmento (Clements e Hume, 1995:249)

Nesse diagrama, x representa o tempo fonológico; a linha das unidades do tempo também é chamada de linha esquelética ou prosódica. O nó da raiz, r, é dominado por x, sendo constituído pelos traços maiores [soante], [aproximante] e [vocóide]; representa o segmento como uma unidade fonológica. Os nós são ligados por linhas de associação. A unidade temporal possibilita a definição de segmentos segundo o número de ligações. Os nós A, B, C, D representam nós de classes, que dominam grupos de elementos que funcionam como unidades ou classes naturais em regras fonológicas. Os nós C e D são irmãos e ambos são dependentes de B. Os nódulos terminais a, b, c, d, e, f, g são traços fonológicos (Hernandorena, 1999:47-51).

Os três traços que compõem o nó de raiz (r) não podem ser desligados ou espriados isoladamente. O nó laríngeo pode espriar-se ou desligar-se levando os traços que estão sob seu domínio, [sonoridade], [aspiração (glote não constrita, glote constrita)]. Sob o nó cavidade oral “B” estão o traço [contínuo] e o nó ponto de consoante, sob o qual se dispõe os traços [labial], [coronal] e [dorsal]. O nó

vocálico domina os traços de ponto de abertura das vogais, caracterizando os traços vocálicos como uma unidade funcional; também permite a representação das articulações secundárias de consoantes complexas, como [k^w, g^w] ou [tʰ], por exemplo (Hernandorena, 1999).

A representação da organização dos traços fonológicos – denominada geometria de traços – permitiu uma nova concepção da estrutura interna dos traços e possibilitou ainda evidenciar a naturalidade do funcionamento conjunto de certos grupos de traços distintivos. Seguindo essa representação, a organização hierárquica das consoantes, portanto, é a seguinte:

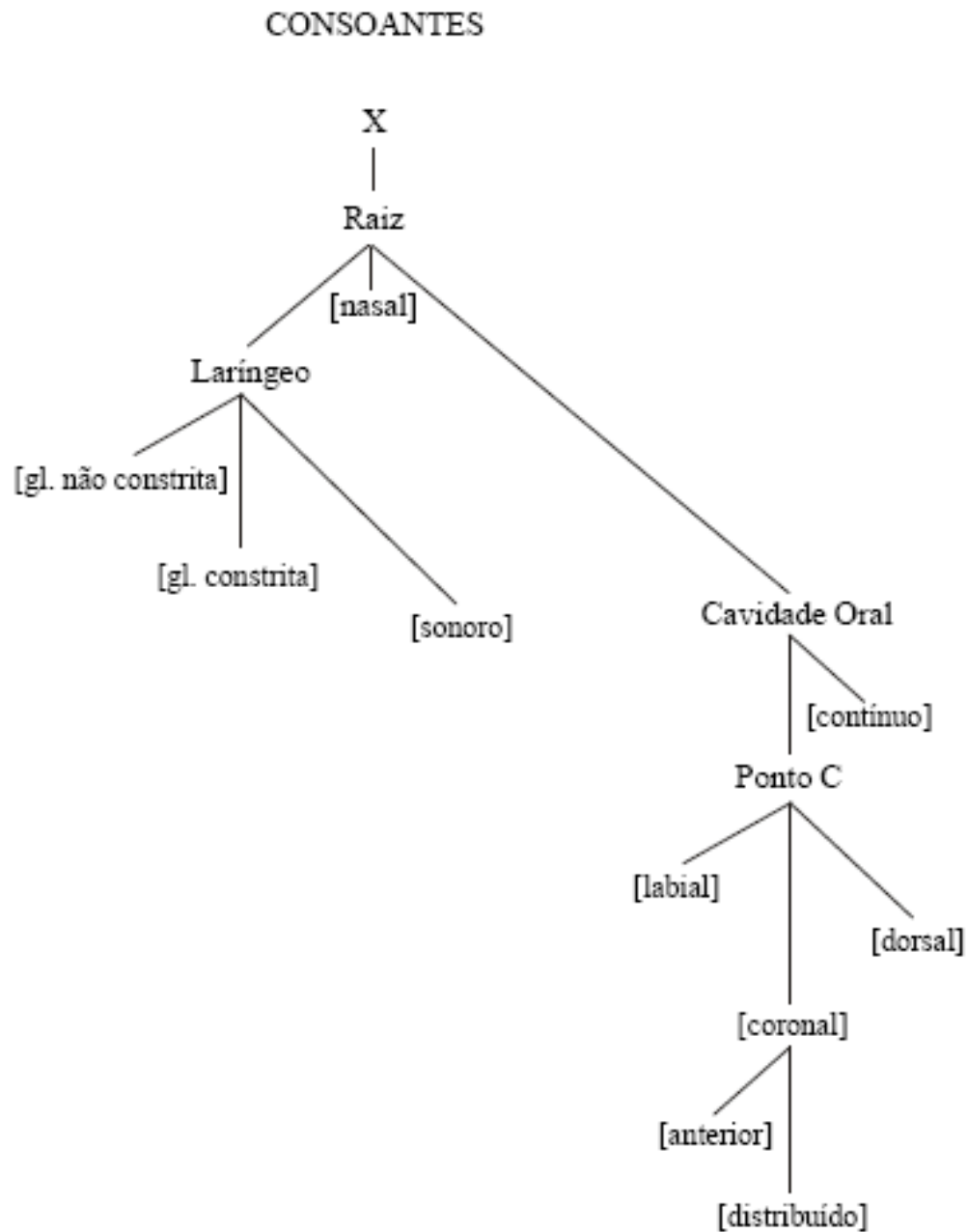


Figura 5 - Representação das consoantes segundo Clements e Hume (1995, p.292).

Na representação das vogais, o nó Vocálico domina os traços de ponto e de abertura das vogais, como se vê na Figura 6.

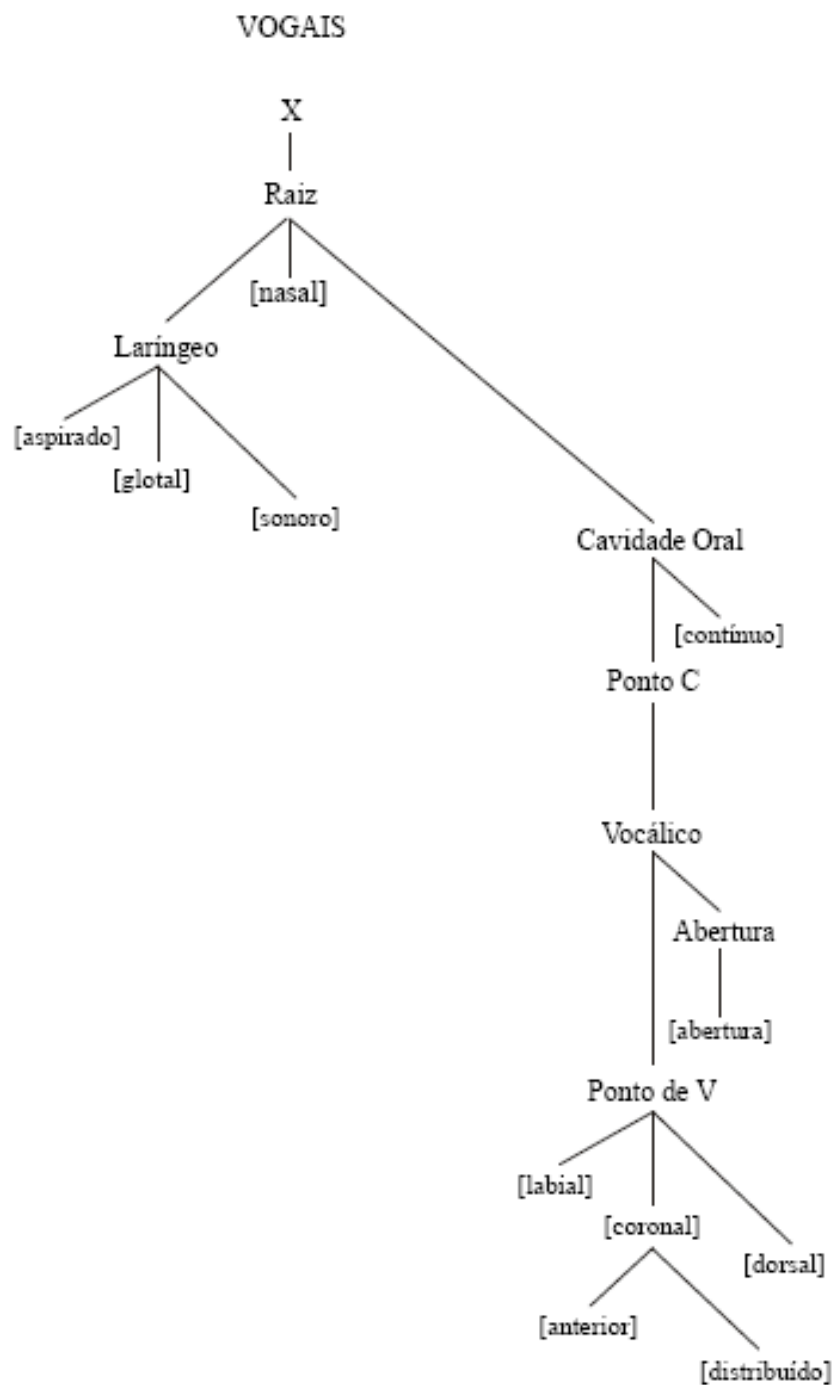


Figura 6 – Representação das vogais segundo Clements e Hume (1995, p.292)

Os segmentos são analisados em camadas ou tiers, ou seja, pode-se dividir parte do som e tomá-la independentemente. Assim, uma regra pode operar somente no tier [nasal] ou no tier [contínuo] ou no tier [aberto], por exemplo.

Na fonologia Autossegmental, há princípios que determinam a aplicação de regras. Tais princípios decorrem, pelo menos em parte, das propriedades estruturais das representações.

1º. Princípio de Não-cruzamento de linhas de Associação

Tal princípio é extremamente importante, pois proíbe a associação de dois elementos por linha que implique cruzamento sobre outra linha. Assim, o espraçamento representado em (a) é possível, e aquele representado em (b) é impossível.

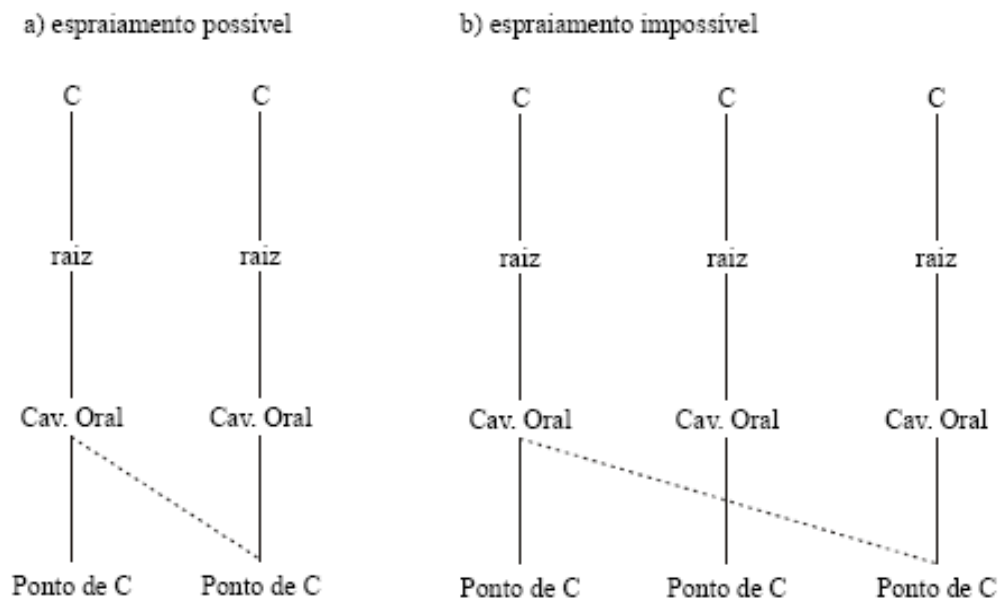


Figura 7 – Princípio de não cruzamento de linhas de associação

2º. Princípio de contorno obrigatório (OCP)

Esse princípio diz que elementos adjacentes idênticos são proibidos. Um exemplo utilizado por Clements (1991, p.90-93) para ilustrar o efeito do OCP refere que, em certas línguas Berber, são proibidas, dentro do mesmo morfema, seqüências de segmentos labiais ou labializados.

Matzenauer-Hernandorena (1997) observou que, no PB, há a tendência a evitar-se a seqüência de segmentos com nós vocálicos idênticos.

3º. Princípio de Restrição de ligação

Esse princípio restringe a aplicação de uma regra à forma que nela é representada, de modo que, se contiver uma só linha de associação, fica bloqueada em contextos de ligação dupla ou vice versa.

Com base nas regras expostas torna-se possível expressar facilmente a assimilação, por exemplo, de uma consoante à outra em termos de um dado traço, como também a assimilação em termos de um grupo de traços, que estão reunidos sob um mesmo nó de classes (Wetzels 1991, p.07).

Esses princípios governam as representações fonológicas, tendo o efeito de tornar bem-formadas as representações mal-formadas através da adição ou apagamento de linhas de associação.

Inicialmente a Fonologia Autossegmental voltou-se para a representação tonal, e, mais tarde, estendeu-se para o domínio dos fenômenos não-tonais, para explicar os processos de assimilação, apagamentos e outros.

Um dos pontos fortes do novo modelo é a possibilidade de explicar a sobreposição dos traços de segmentos em contigüidade, acarretada pela complexidade dos gestos articulatórios, no plano fonético, mediante o espriamento ou o desligamento de linhas de associação.

Com base na Geometria de Traços, distinguem-se três tipos de segmentos: simples, complexos e de contorno. Segmento simples é [s], por exemplo, porque apresenta somente um nó de raiz e são caracterizados por, no máximo, um traço de articulação oral. Um segmento é complexo, quando apresenta um nó de raiz caracterizado por dois traços diferentes de articulação oral, como mínimo, ou seja, o segmento apresenta duas ou mais constrições no trato oral (Hernandorena, 1999:61). Segmento de contorno são os que apresentam efeito de borda, opondo-se uma à outra em termos de (\pm). Os candidatos naturais para esse tipo de segmento são as consoantes africadas e as plosivas pré e pós nasalidas. A representação desses segmentos pode ser feita através de dois nós de raiz sob uma única posição no esqueleto (Hernandorena; 2001 p. 63).

2.1.4 A sílaba

Com base no trabalho de Bisol (1999) sobre a sílaba do português e da análise das descrições da sílaba espanhola feitas por Harris (1983), pode-se concluir, a respeito da estrutura silábica em ambas as línguas, que a mesma pode ser analisada como uma estrutura binária constituída por ataque, núcleo e coda, representável segundo o seguinte esquema:

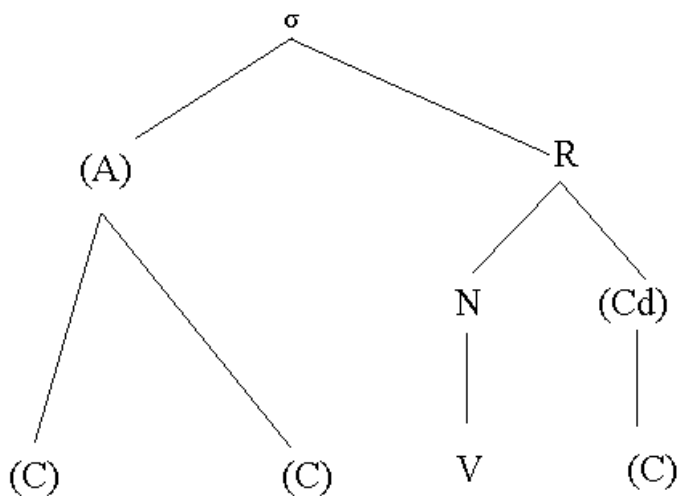


Figura 8 – Esquema representando a sílaba espanhola e portuguesa *Selkirk (1982)*

Esse esquema representacional está significando que:

- a rima R, é um constituinte obrigatório, entretanto que o ataque, (A), é opcional;
- a rima espanhola e portuguesa está formada por núcleo, N, e coda, (Cd);
- o núcleo, obrigatório, é sempre uma vogal, a coda é opcional.

A respeito do processo de silabação, pode-se afirmar que:

- a sílaba ramifica para a esquerda, mapeando a consoante adjacente mais próxima para formar o ataque, de acordo com o molde silábico universal CV;

- os ataques podem ser simples ou complexos;
- o ataque complexo acontece como consequência da Condição de Maximização do Ataque, que diz que, enquanto houver consoantes para serem mapeadas à esquerda, a escansão deve continuar;
- a coda é opcional; anexam-se à rima as consoantes adjacentes que estejam ainda sem silabar, de acordo com o Princípio de Licenciamento Prosódico, conformando, desse modo, uma rima ramificada.

A possibilidade de estabelecer uma gramática geral, comum a todas as línguas, tem sido uma meta perseguida com empenho durante as três últimas décadas. Essa preocupação já estava no título da gramática de Port Royal, do ano 1660, *Grammaire générale et raisonnée* (Chomsky, 1969: 115). Neste século, Hjelmslev ([1928]1976: 110) manifestou a mesma preocupação. Chomsky (1977: 42), que faz lembrar Hjelmslev em mais de um aspecto, propõe:

Definamos la gramática universal (GU) como el sistema de principios, condiciones y reglas que constituyen elementos o propiedades de todas las lenguas naturales, no por simple casualidad sino por necesidad (por supuesto biológica, no lógica). Así se puede considerar que GU expresa la “esencia del lenguaje humano”.

Supondo que a GU subjaz a todas as línguas do mundo, as propriedades invariantes serão devidas a princípios universais, enquanto que variações nas línguas serão devidas a diferenças no estabelecimento de parâmetros (Mota, 1996: 67).

Através do estudo comparativo das línguas do mundo e do processo de aquisição da língua materna, tentam-se estabelecer os princípios da GU que

governam a seleção de fonemas, conformando seus inventários, diferentes para cada língua. Do mesmo modo, procura-se estabelecer se há padrões silábicos universais. Estabeleceu-se que o padrão básico universal é CV, formado por uma consoante, no ataque, e uma vogal como núcleo.

Rafael A. Nuñez-Cedeño (1999) e Bisol (1999) apresentam os tipos silábicos possíveis do espanhol e do português:

| | | |
|-------|----------------------|----------------------|
| CV | ca -lor | ca -lor |
| CVC | par -te | par -te |
| V | a -la-mo | a -la-mo |
| CCV | trá -fico | trá -fico |
| VC | ár -bol | ár -vore |
| CCVC | sec- ción | sec- ção |
| VCC | abs -tracto | abs -trato |
| CVCC | sans -crito | sâns -crito |
| CCVCC | trans – poner | trans - porte |

Por outro lado, Navarro Tomás (1963) realizou algumas estatísticas dos diferentes tipos de sílabas em espanhol e mostrou quais são os tipos mais freqüentes:

- a) CV com 58,45%
- b) CVC com 27,35%

- c) V com 5,07%
- d) CCV com 4,70%
- e) VC com 3,31%
- f) CCVC com 1,12%

Tal estatística deixa evidente a preferência da língua espanhola pela sílaba aberta 63,15%, tendência que se acentua ainda mais na língua falada em todos os níveis e modalidade dialetais conforme supracitado em Navarro Tomás.

Essa tendência já era advertida desde as origens do idioma ibérico pelo mesmo autor que analisou diversas obras como “Poema de Mio Cid” (cuja estrutura CV apresenta um 48,50% e CCV 3,35% totalizando 51,85%). Portanto, podemos salientar que a consoante final de uma palavra se agrupe com a vogal inicial da seguinte constituindo sílaba com ela. Dessa forma, não será estranho que a língua espanhola tenha tendência de procurar os mecanismos necessários para conseguir a estrutura CV considerada ideal¹.

Alguns fenômenos, no plano fonético, como a elisão e a epêntese, entre outros, podem acarretar a reorganização silábica de uma cadeia fônica. No espanhol, por exemplo, em determinadas áreas hispânicas, a gemação é bastante freqüente como resultado do enfraquecimento de um fonema implosivo (principalmente –s) e da sua assimilação à consoante seguinte.

Neste instante, cabe citar Washington Vasquez no artigo publicado na *Revista de la Facultad de Humanidades y Ciencias* da “Universidad de la República del

¹ Não consideramos neste trabalho as sílabas formadas com ditongos.

Uruguay (1953, 84-93)", o autor argumenta quanto à possibilidade de grupos geminados

En el segmento vocal +/s/ como segmento final de una palabra cualquiera, ocurre una modificación del timbre y de la cantidad de la vocal. Se observa, en efecto, que varias consonantes finales, están sufriendo un proceso de realización cero, lo cual produce la gestación de un fenómeno cronemático vocálico (o por lo menos alocrónico, cuando no se trate del fonema /s/)...El caso del fonema /s/ presenta particular evidencia en este sentido. Su desfonemización en dicho entorno particular está creando una cronematización vocálica del tipo cronema largo. Ejemplo → Las casas = /la: kasa:/'

Rafael Nuñez Cedeño (1999: 65) esboça a seguinte regra de alongamento vocálico:

$$V \rightarrow V: / _ _ s C _ _] \sigma$$

De maneira informal, Cedeño (op. cit.) diz que a vogal alonga-se somente se a consoante que a preceder for /s/ (representada pela primeira C). Com a segunda C capta-se o fato de que somente ficaria geminada a vogal em posição interna de palavra:

/peskado/

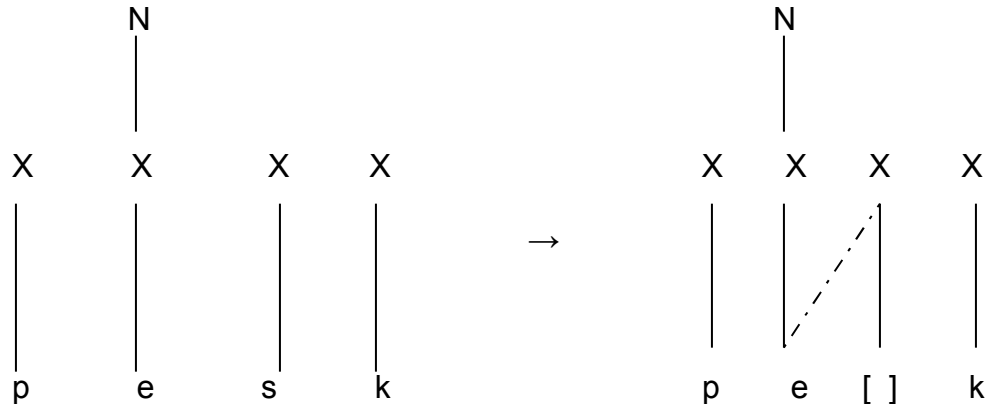
peskádo Acento

pekádo elisão de /s/

pe:kádo Regra da Vogal Geminada

[pe:káðo] saída

A representação do processo na cadeia esquelética é esboçado abaixo:



Para finalizar, podemos argumentar que a tendência à debilitação e perda dos fonemas implosivos começou desde muito cedo, já no latim falado nas imediações de Roma por rústicos e camponeses. No entanto, essa característica foi considerada pouco elegante e, portanto, reprovado pelas pessoas cultas e normativas. A simplificação silábica fez com que as margens implosivas nunca adquirissem uma decisiva função operativa.

Portanto, é possível dizer que o processo de redução de consoantes em posição implosiva – tanto no interior como no final de palavra – é muito forte nas tendências evolutivas do idioma desde sempre nos falares populares de todo o mundo hispânico e, especialmente, nas áreas menos vinculadas à tradição castelhana: Andaluzia, Canárias e toda a América, com exceção parcial das terras altas, cujo nível cultural foi mais alto, especialmente durante a época colonial.

Considera-se, portanto, como ideal em nível geral, a estrutura vocálica CV, à qual todas as línguas deveriam tender.

De acordo com Julio Fernández Sevilla, a explicação mais convincente para toda a série de fenômenos é que se as unidades fônicas em posição implosiva podem sofrer tantas e tão importantes modificações isso se deve à sua

capacidade de informação que é pequena e, portanto, lógico, então, que a língua tenda a prescindir desses elementos morfológicamente redundantes ou pouco rentáveis. Para corroborar com o dito, Clements e Hume (1995, p.269) propõem uma escala de sonância conforme tabela abaixo. Em tal tabela atribui-se sonoridade zero às fricativas:

Tabela 1 - Escala de sonância

| | [soante] | [aproximante] | [Vocóide] | Escala de sonoridade |
|------------|----------|---------------|-----------|----------------------|
| Obstruinte | - | - | - | 0 |
| Nasal | + | - | - | 1 |
| Líquida | + | + | - | 2 |
| Vogal | + | + | + | 3 |

Decorrente dessa ordenação, os segmentos com o grau maior de sonância, os vocálicos, podem ser centros silábicos e os segmentos com os valores mais baixos serão margens silábicas (ataque e coda); a sonância dos segmentos está, pois, correlacionada com a possibilidade de ocupar ou não determinada posição no interior da sílaba.

Observe-se, então, que a instabilidade de /_s/, devido à limitada capacidade informativa, já referida, e ao baixo valor na escala de sonância, propicia o seu apagamento.

A busca do padrão universal CV, isto é, da sílaba aberta, seja mediante aspiração e, posteriormente elisão, exemplo pescado [peh'cado] como é o caso do espanhol em /_s/, seja mediante epêntese, como é o estilo do português, procura uma simplificação, não apenas na estrutura silábica, mas no sentido da

articulação da cadeia dos sons, já que segmentos consonantais em coda requerem travamento, acarretando maior complexidade na articulação.

Pode-se dizer, então, que tal estratégia encontra fundamentos na Lei do Menor Esforço.

Peter Ladefoged (1975:235) remete-nos ao princípio da facilidade articulatória e explica: os falantes desejam, na língua, transferir significado com o mínimo esforço articulatório possível, produzir enunciados com o menor esforço possível, levando-o a realizar um grande número de assimilações, a deixar de fora alguns segmentos e a reduzir ao mínimo as diferenças entre eles. Segundo o autor, o falante, ao proceder assim segue o princípio que pode ser denominado “princípio de facilidade articulatória” (principle of maximum of articulation). O autor acrescenta ainda: se, de um lado, o falante procura a máxima simplificação articulatória, o ouvinte, por sua vez, pretende entender o significado de um enunciado mediante o menor esforço possível; preferirá assim, enunciados, formados por sons que permaneçam constantes e distintos entre si; desejará que o padrão de sons da língua esteja de acordo com o “princípio de separação perceptual máxima” (principle of maximum perceptual separation). Segundo Ladefoged (op. Cit, 201)

É uma das forças que operam nas línguas (...) mediante a qual os sons são mantidos acusticamente distintos a fim de tornar mais fácil ao ouvinte distinguir um de outro.

Portanto, pode-se argumentar que a simplificação articulatória é uma tendência universal regida pela Lei do Menor Esforço, que procura, substituir, nas línguas, segmentos mais complexos por outros menos complexos. Como foi dito

acima, a busca do padrão CV pode ser entendida como um caminho de busca da simplicidade no nível da estrutura silábica.

2.1.5 As consoantes do português brasileiro

Segundo a Visão Estruturalista de Câmara Jr. (1984), a consoante é o elemento que se combina com a vogal silábica para formar a sílaba. Manifesta diferenças articulatórias de acordo com a posição que ocupa na palavra: pré-vocálica, intervocálica e pós-vocálica.

Na posição pré-vocálica, ocorre uma fase inicial de desobstrução da passagem de ar. Na posição pós-vocálica, a abertura da boca, provocada pela articulação da vogal, reduz-se ou se anula-se para produzir a consoante. As intervocálicas, separando duas sílabas, apresentam uma articulação enfraquecida, proporcionando o aparecimento de alofones posicionais das não-intervocálicas, que são mais fortes, no início ou no meio de vocábulo. Na posição intervocálica, contexto mais favorável ao aparecimento de consoantes, existem 19 tipos com oposições significativas, divididas, fonologicamente, em labiais, anteriores e posteriores:

Consoantes intervocálicas (pré-vocálicas em onset medial)

/p/ /b/ /f/ /v/ /m/

/t/ /d/ /s/ /z/ /n/ /l/ /ʎ/

/k/ /g/ /ʃ/ /ʒ/ /ɲ/ /ŋ/ /r/

(Câmara Jr. 1984)

Na posição não intervocálica, faltam certas consoantes, como o /r/ brando e o /l/ e /n/ palatais, devido à neutralização das oposições entre o /r/ forte e o /r/ brando, entre líquida dental e palatal e entre nasal dental e palatal. A líquida e a nasal palatais são raras em posição inicial e só aparecem em empréstimos (lhama: lama, nhata: nata). Já as vibrantes somente se opõem em posição intervocálica (ferre: fere, erra: era).

Em grupo consonântico pré-vocálico, como segunda consoante, só aparecem laterais e vibrantes anteriores, criando-se contrastes como fluir: fruir, por exemplo.

Desse modo, na posição pré-vocálica, o quadro das consoantes passa a ser:

Consoantes pré-vocálicas (em onset absoluto)

Em CV:

/p/ /b/ /f/ /v/ /m/

/t/ /d/ /s/ /z/ /n/ /l/

/k/ /g/ /ʃ/ /ʒ/ /r/

Como segunda consoante em CCV: só em /l/ e /r/ (consoantes pós-vocálicas)

A líquida não-palatalizada /l/ (mal, balde) como uma variante posterior por alofonia posicional velar ou vocalizada [ɫ] ou [w]; /r/ (bar, carta) velar [x], uvular [R] ou faríngeo [h] sendo que nesta posição, há também a vibrante simples em outros

dialetos, inexistentes na fala carioca tratada por Câmara Jr., as fricativas /s/, /ʃ/, /z/, /ʒ/ e a nasal.

As quatro fricativas não-labiais sibilantes ou chiantes, conforme o dialeto, e surdas ou sonoras, conforme o contexto seguinte (*caspa*, *rasga*, *mês*, etc.), se reduzem a uma só unidade fonológica, um arquifonema, caracterizado pelo traço de fricção, por causa do desaparecimento das oposições distintivas desses elementos nessa posição. A representação fonológica desse elemento é /s/ (cf. Câmara Jr., 1985, p. 52).

A nasal pós-vocálica realiza-se conforme consoante seguinte, quando essa for oclusiva. Pode ser labial, como em *bomba*, dental, como em *lenda*; palatal, como em *dente*, e velar como em *pingo*. Segundo Câmara Jr. (1953, p. 69), “a nasalidade já pode ser considerada em si mesma um fonema consonântico, desde que estabeleça o travamento da sílaba nos moldes de vogal mais consoante”. A nasal pós-vocálica também pode ser interpretada como um arquifonema, marcado pela ressonância nasal, cuja realização depende do ambiente fonético. É transcrito pela letra maiúscula do fonema não-marcado /N/. Dessa forma o quadro das consoantes pós-vocálicas resume-se em:

/S/ /N/ // /r/

(Câmara Jr. 1985, p.52)

Aparentemente, existem outras consoantes em posição pós-vocálica, como em *pacto* e *ritmo*, por exemplo. O que ocorre nestes casos é a inclusão de uma

vogal que foneticamente fixa o primeiro membro do grupo consonantal pré-vocálica, criando uma nova sílaba. Foneticamente revela-se, “mesmo na pronúncia mais culta” (Câmara Jr. 1977, p.80), a presença dessa vogal entre as duas consoantes, como também acontece em final de vocábulo, com em *clube* e *internet*.

Para concluir, o número e o tipo de oposições que se encontram no sistema consonantal do português brasileiro estão condicionados à posição pré-vocálica, intervocálica e pós-vocálica. Há maior número de oposições na posição intervocálica e menor na posição pós-vocálica.

Lopez (1979, p. 54), na sua discussão sobre as consoantes do português, apresenta o seguinte inventário fonético do português carioca:

Tabela 2: inventário fonético do português carioca

| | | bilab | Lábiodental | Ápico-dental | Pré-Dorso-Alveolar | Alvéolo-palatal | Dorso-palatal | Dorso-Velar | Uvular |
|--------------------------|-------|-------|-------------|--------------|--------------------|-----------------|---------------|-------------|--------|
| Plosivas. / Oclusivas | - son | p | | t | | | | k | |
| | +son | b | | d | | | | g | |
| Cont. / fricativas | - son | | f | | s | ʃ | | x | χ |
| | +son | | v | | z | ʒ | | | |
| Nasal | | m | | n | | | ɲ | | |
| Lateral | | | | l | | | λ | | |
| Tepe | | | | ɾ | | | | | |

| | | | | | | | | | |
|----------|--|--|--|---|--|--|--|--|--|
| Vibrante | | | | r | | | | | |
|----------|--|--|--|---|--|--|--|--|--|

Utilizando o Sistema de traços de Chomsky e Halle (1968), Lopez (1979, p. 55) descreve as consoantes subjacentes (fonemas) do português da seguinte forma:

Tabela 3: Consoantes subjacentes (fonemas) do português Chomsky e Halle (1968)

| | | + anterior - coronal | + anterior + coronal | anterior + coronal | - ant - cor - post | - ant -cor + post |
|--------------|----------|-------------------------|-------------------------|-----------------------|--------------------------|-------------------------|
| + obstruinte | - sonoro | p | t | | | K |
| - contínuo | +sonoro | b | d | | | g |
| + obstruinte | - sonoro | f | s | ʃ | | |
| + contínuo | +sonoro | v | z | ʒ | | |
| - obstruinte | | m | n | | ɲ | |
| + nasal | | | l | | λ | |
| + lateral | | | r | | | |
| - lateral | | | | | | |

O sistema consonantal do português realiza-se plenamente no ataque; na rima, fica reduzido à contínua coronal, subespecificada quanto à sonoridade, [+ant] em alguns dialetos, [-ant] em outros; a nasal subespecificada quanto ao ponto de articulação; a vibrante, com a variação que lhe é peculiar; e a lateral, que tende a ser substituída pelo glide posterior.

2.1.5.1 As Fricativas no Sistema Fonológico do Português

| | Labial | Coronal | |
|------------|----------|-------------|--------------|
| Fricativas | | [+anterior] | [- anterior] |
| | f v | s z | ʃ ʒ |

Tabela 4 : Fricativas no sistema Fonológico do Português

Há fricativas em três pontos de articulação: a) labial; b) coronal [+anterior]; c) coronal [-anterior].

Ocorre a oposição do traço [\pm sonoro] em todos os pontos de articulação.

2.1.6 Sistema Fonológico de Consoantes do Espanhol Standard

Os fonemas classificam-se atendendo exclusivamente suas características pertinentes e fazendo abstração dos não pertinentes.

Transcrevem-se entre “barras” obliquas para diferenciá-los dos sons ou variantes fônicas, que são representadas entre colchetes. No espanhol Standard e normativo são 24 fonemas: 19 consoantes, e 5 vocálicos.

/p/:consonantal, oral, labial, oclusivo, surdo

/t/: consonantal, oral, dental, oclusivo, surdo

/k/: consonantal, oral, velar, oclusivo, surdo.

/b/: consonantal, oral, labial, oclusivo.

/d/: consonantal, oral, dental, oclusivo.

/g/: consonantal, oral, velar, oclusivo.

/θ/: consonantal, oral, fricativo, interdental, surdo

/f/: consonantal, oral, fricativo, labiodental, surdo

/x/: consonantal, oral, fricativo, velar, surdo.

/l/: consonantal, oral, alveolar, lateral, sonoro

/r/: consonantal, oral, alveolar, vibrante simples, sonoro.

/ʀ/: consonantal, oral, alveolar, vibrante múltiplo, sonoro.

/ʎ/: consonantal, oral, palatal, lateral, sonoro.

/s/: consonantal, oral, alveolar, fricativo, surdo.

/tʃ/: consonantal, oral, palatal, africado (oclusivo), surdo.

/ʒ/ / ʝ/: consonantal, palatal, central, fricativo, sonoro

/m/: consonantal, nasal, labial, sonoro

/n/: consonantal, nasal, alveolar, sonoro

/ɲ/: consonantal, nasal, palatal, sonoro

Fonemas vocálicos do Espanhol

/a/: vocálico, abertura máxima, localização central

/e/: vocálico, abertura média, localização anterior

/i/: vocálico, abertura mínima, localização anterior

/o/: vocálico, abertura média, localização posterior

/u/: vocálico, abertura mínima, localização posterior.

2.1.6.1 As Fricativas do Espanhol standard

De acordo com Rafael A. Nuñez Cedeño (1999), se o grau de constricção é levado ao ponto que começa a formar-se uma turbulência no ar atrás do ponto em que os articuladores ativo e passivo se aproximam um do outro, produz-se um som fricativo. A qualidade fricativa do som como o /f/ em falso, /θ/ em zona, /s/ em sol, /x/ em jaca, é claramente distintiva e usa-se de forma contrastiva em espanhol. A fricativa glotal [h] é muito comum nos dialetos aspirantes. As fricativas podem ser surdas ou sonoras. De fato as fricativas surdas são mais comuns que as sonoras. Isto se deve à fricção que se produz ao aproximarem-se os articuladores. Nestes sons, a finalidade da constricção é maior em criar uma fricção do que criar uma câmara de ressonância de um tamanho específico. A vibração glotal é perceptível quando se combina a fricção supraglotal, no entanto não adiciona nada à perceptibilidade inerente da consoante fricativa.

2.1.6.2 Sistema Fonológico do Espanhol do Uruguai

A seguir, apresentaremos a Tabela de traços distintivos necessários para contrastar os fones do espanhol do Uruguai

| | p | t | k | b | d | g | f | s | tʃ | x | m | n | ɲ | l | ʎ | ʒ | ʎ | j | i | e | a | o | u | |
|-----------------------|---|---|---|---|---|---|---|---|----|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Sonoro / voz | - | - | - | + | + | + | - | - | - | - | + | + | + | + | - | + | + | + | + | + | + | + | + | + |
| Alto | | | | | | | | | | | | | | | | | | + | + | - | - | - | + | |
| Baixo | | | | | | | | | | | | | | | | | | - | - | - | + | - | - | |
| Posterior arredondado | | | | | | | | | | | | | | | | | | - | - | - | + | + | + | |
| Nasal | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | + | + | + | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - |
| Contínuo | - | - | - | - | - | - | + | + | ± | + | - | - | - | - | + | + | + | + | + | + | + | + | + | + |
| Soante | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | + | + | + | + | + | + | + | + | + | + | + | + | + | + |
| Aproximante | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | + | + | + | + | + | + | + | + | + | + | + |
| Consonantal | + | + | + | + | + | + | + | + | + | + | + | + | + | + | + | + | + | - | - | - | - | - | - | - |
| Labial | + | | | + | | | + | | | | + | | | | | | | | | | | | | |
| Distribuído | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Anterior | | + | | | + | | | + | - | | | + | - | + | - | - | + | | | | | | | |
| Coronal | | + | | | + | | | + | + | | | + | + | + | + | + | + | | | | | | | |
| Dorsal | | | + | | | + | | | | + | | | | | | | | | | | | | | |
| Lateral | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | + | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - |

Tabela 5: Fones do Espanhol do Uruguai

2.1.6.3 Sistema Fonológico de Consoantes do Espanhol do Rio da Prata

De acordo com Magdalena Coll (2001), os sons consonantais podem ser:²

a) oclusivos: /p/, /b/, /t/, /d/, /k/, /g/.

² Os símbolos descritos estavam todos no sistema norte-americano sendo eles passados ao sistema IPA

- b) fricativos: /f/, /s/, /x/
- c) africadas: /tʃ/
- d) nasais: /m/, /n/, /ɲ/
- e) líquido: /l/, /ʎ/, /r/

Dessa forma apresenta o seguinte quadro de fonemas do espanhol do Rio da Prata.

Tabela 6: Fonemas do Espanhol do Rio da Prata

| | Ponto de art. | bilabial | Lábio-dental | Dental | alveolar | Palatal | Velar |
|------------------|---------------|----------|--------------|---------|----------|---------|---------|
| Modo de art. | | Sur Son | Sur Son | Sur Son | Sur Son | Sur Son | Sur Son |
| Oclusivo | | /p/ /b/ | | /t/ /d/ | | | /k/ /g/ |
| Fricativo | | | /f/ | | /s/ | /ʃ/ | /x/ |
| Africado | | | | | | /tʃ/ | |
| Nasal | | /m/ | | | /n/ | /ɲ/ | |
| Líquido Lateral | | | | /l/ | | | |
| Líquido Vibrante | | | | /ʎ/ | | | |
| | | | | /r/ | | | |

Quanto às fricativas, Magdalena Coll salienta que o obstáculo da saída de ar é parcial, ou, em outras palavras, o ar espirado produz uma fricção audível. Os fonemas fricativos do espanhol rio-pratense são: /f/, /s/, /x/

Dessa forma os segmentos Fricativos no sistema Fonológico do Espanhol do Prata são segundo Magdalena Coll:

| | Labial | Coronal | | Dorsal |
|------------|--------|-------------|--------------|--------|
| Fricativas | f | [+anterior] | [- anterior] | x |
| | | s | ʃ ʒ | |

Tabela 7: Fricativos no sistema Fonológico do Espanhol do Prata

Não há oposição do traço [\pm sonoro] em qualquer ponto de articulação.

Existem fricativas em quatro pontos de articulação: a) labial; b) coronal [+anterior]; c) coronal [-anterior]; d) dorsal

Observação: No nível fonético há, ainda, as fricativas [+sonoras] (alofones das oclusivas).

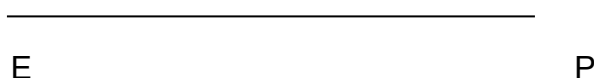
| Labial | Coronal | Dorsal |
|---------|----------|----------|
| β | δ | γ |

Tabela 8: nível fonético [+sonoras]

2.1.6.4 A sibilante implosiva no português do Uruguai

Os dialetos do português do Uruguai, enquanto dialetos de contato com o espanhol, encontram-se em uma zona bilíngüe que conforma um contínuo português-espanhol. Trata-se de um contínuo que tem se desenvolvido entre dois pólos, representativos das duas línguas-mães que, historicamente, mantêm-se em contato. Tal contínuo de contato pode ser representado como segue e que Espiga (2008) menciona:

(Fig. 10) Diagrama do contínuo português-espanhol



No caso desta fronteira entre o Brasil e o Uruguai, o pólo português representa o português brasileiro, especificamente o português gaúcho, e o pólo espanhol representa o espanhol uruguaio.

Na tensão que se estabelece entre os dois pólos do contínuo de contato, observa-se que o eventual fortalecimento de um dos pólos, proporciona maior afluxo de inovações lingüísticas desse pólo no contínuo, acarreta, como contrapartida, o enfraquecimento da pressão da outra língua, resultando no seu refluxo.

No PB, a variação de /_s/ apresenta-se como [s] ~ [z]. Os dois alofones encontram-se em distribuição complementar, condicionados pelo traço de sonoridade do contexto seguinte: [s] aparece antes de consoante surda, como em <vespa>, enquanto [z] aparece antes de consoante sonora, como em <vesgo>. Devido a isso, Mattoso Câmara (1975) defende que o /s/ em final de sílaba comporta-se e pode ser descrito como arquifonema /_S/, ou seja, um fonema subespecificado para o traço de sonoridade, cujo valor adquire somente em função do contexto seguinte, foneticamente.

A variação de /_s/ no PU apresenta três variantes: [s] ~ [z] ~ [h]. O terceiro alofone, variante aspirada, é uma inovação recente no cenário fronteiriço uruguaio, oriunda de Montevideu. A sua distribuição no país não é uniforme, conforme atesta o Atlas Diatópico e Diastrático do Uruguai (ADDU), porém ocorre bastante em alguns dialetos de espanhol fronteiriço (Espiga, 2006) e tem sido registrada em pesquisas recentes de Espiga.

2.2 Teoria de Contato Lingüístico

Desde os primórdios, a Lingüística tem dedicado parte dos seus estudos ao assunto do contato lingüístico. A sociolingüística, como disciplina pertencente à ciência da linguagem (desde que surgiu praticamente) dedicou-se em um capítulo especial ao que hoje denominamos comumente de “línguas em contato”. De fato

em 1953, Uriel Weinreich publica seu livro intitulado *Languages in contact* que significou, até os dias atuais, um ponto de referência obrigatório sobre o assunto em questão. Nesta obra o autor alicerçou as bases dos modernos estudos sobre o **bilíngüismo individual** e os conceitos de **contato, interferência, interação**, entre outros. A obra de Weinreich não só foi importante do ponto de vista teórico, como também proporciona dados concretos sobre investigações baseadas no contato do inglês e outras línguas como o espanhol, o italiano, a fala Yiddish dos Judeus, etc.

Parece evidente que a dinâmica nas quais se articulam as sociedades atuais trouxe consigo, como conseqüência, a criação de comunidades multiculturais em que convivem – na grande maioria dos casos compartilhando um mesmo território geográfico – culturas, raças e línguas de origens diferentes.

O autor Javier Medina López (1997:11) afirma que:

“Numerosos são os motivos que podem ser mencionados para que amplas comunidades de falantes de línguas diferentes tenham entrado em contato: expedições marítimas com fins coloniais ou comerciais, tráfico de escravos da África, situações históricas de convivência de línguas em um mesmo território, viagens de negócios, lazer, guerras, migrações, catástrofes naturais...”

Isso explica em grande parte como acontece com os DPUs e outras línguas, que o contato produza fenômenos de interesse para estudiosos da linguagem, sociólogos, pedagogos, historiadores, antropólogos, psicolingüístas, etc... Como indica López Morales (1984) a convivência de línguas, pois, é um fato natural e cotidiano da humanidade:

“las comunidades multilingües son mayoritarias: existen en el mundo unas 4.000 ó 5.000 lenguas, pero sólo unos 140 estados nacionales: en algunos de ellos viven más de un centenar de lenguas”.

Tal fator acarreta em fenômenos que requerem pesquisa científica, complexas situações de uso como o bilingüismo, a diglosia, a mortalidade lingüística, bem como o surgimento de novas línguas – ou interlínguas – de contato. Weinreich (1968:1) citava que quando duas ou mais línguas são usadas alternativamente pelas mesmas pessoas pode se dizer que estão em contato, e, a partir daí, define o bilingüismo como o uso alternativo de duas línguas. Esta mesma concepção pode ser encontrada em pesquisas mais recentes, como em Silva-Corvalán (1989: 170) que retoma a mesma idéia:

“Decimos que dos o más lenguas están en contacto cuando son usadas por los mismos individuos, es decir, cuando existe una situación de bilingüismo (o multilingüismo) en la que los hablantes bilingües constituyen el locus del contacto.”

Indubitavelmente, este fato de convivência entre as línguas constitui a circunstância e o ambiente para que ocorram os mecanismos suficientes de uma possível mudança em relação à outra.

2.2.1 Interferência / Transferência e Convergência

Costuma-se falar de *Interferência / Transferência* ou *Convergência* quando uma Língua A começa a mostrar sinais (fonéticos, léxicos, gramaticais, sintáticos) que a distanciam das estruturas próprias da sua norma para tomar ou assimilar

estruturas próprias, ou seja, da Língua B. No caso da Interferência, o resultado é de uma estrutura agramatical, não licenciada pela norma da língua receptora. Esta interferência pode ser vista também no sentido contrário, embora o caso mais freqüente seja de B → A.

Alguns autores preferem empregar o termo **transferência** por considerar que **interferência** (Weinreich, 1968: 1) possui conotações negativas, pois de alguma maneira “interferência” supõe um mau uso do bilingüismo. Em uma análise contrastiva, a interferência seria o resultado malsucedido da transferência.

No caso de convergência, também se registra um influxo da Língua B sobre a Língua A, porém ao contrário da interferência, não se dão resultados agramaticais. Segundo Matoso Câmara (1984: 85) existem formas convergentes por três principais causas: a) coincidência de evolução fonética em dois ou mais vocábulos a princípio diversos de forma; b) coincidência entre um derivado de um vocábulo já existente; c) empréstimos a línguas estrangeiras ao lado de uma forma homônima vernácula. Um aspecto importante em qualquer análise deste tipo, como indica o próprio Weinreich (1968: 11-12), é saber distinguir quando a interferência atua somente no âmbito da fala (onde os fenômenos seriam muito mais individuais, não sistematizados) ou no âmbito da língua (com um comportamento mais sistêmico, regular e que afeta todo o conjunto de falantes). Em muitos casos, os falantes não são conscientes – às vezes nem de forma mais remota - de tal ou qual palavra incorporou em uma das duas línguas mediante interferência e, muito menos, de que se trata de uma terminação estrangeira. Quanto mais semelhantes sejam as línguas, menor é a probabilidade de identificação por parte dos falantes.

As situações mais evidentes nas quais se podem advertir casos de transferências e convergência propiciam-se naquelas áreas geográficas onde a convivência de línguas consolidou-se por meio de mecanismos mais ou menos prolongados de contato cultural, social, político ou comercial, entre outros.

2.2.2 Intercâmbio de códigos

Mais uma manifestação das línguas em contato denominada de **intercâmbio de códigos** ou também de **alternância lingüística** que se dá entre uma língua (L1) e uma língua (L2). A nomenclatura, que de forma originária advém do inglês, é **code-switching** e supõe que um falante chega a alternar certas estruturas – diz-se de 2 línguas – no mesmo discurso, em um mesmo ato de fala.

A complexidade deste tipo de comportamento lingüístico consiste em analisar os mecanismos e pautas que cada indivíduo possui para empregar de forma – aparentemente – desordenada duas línguas. Os estudos realizados, muitos deles em comunidades de falantes de inglês-espanhol nos Estados Unidos, demonstraram que a mudança de código está regida por uma série de fatores e que são os bilíngües mais equilibrados (os que melhor conhecem cada uma das línguas) os que mais praticam a alternância de códigos.

Silva-Corvalán (1989: 180) indica os seguintes fatores tomados de J. J. Gumperz:

a) Fatores Externos.

Entorno físico, o participante, o tópico da conversação, a identificação étnica, entre outros.

b) Fatores Lingüísticos

Apesar das dificuldades para a sua descrição, razões estilísticas e metafóricas reguladas poderiam indicar este processo. São alguns dos mecanismos próprios da cadeia falada como a codificação de encontros e o discurso indireto, as repetições, as interjeições, o estilo pessoal subjetivo ou a função retórica.

2.2.3 Bilingüismo

A definição do termo Bilingüismo (tomado do Latim bi-lin-guis “que fala duas línguas”) não é consensual entre todos aqueles que estudaram ao respeito. No entanto, reitera a idéia de que o bilingüismo supõe o uso de duas línguas por parte de um falante ou comunidade. A concepção básica é bem simples. O problema apresenta-se na compreensão global de todos e cada um dos fatores que interferem no fenômeno de bilingüismo, entre os quais se destacam:

- a) Fatores individuais (aquisição, aprendizagem da língua A e da língua B, dimensão psicológica, a estrutura da mente bilíngüe);
- b) Fatores sociais (bilingüismo social, relações língua/sociedade);
- c) Bilingüismo estável / instável (convivência de forma paralela sem que nenhuma língua caia no desuso ou a situação inversa);
- d) A educação bilíngüe;
- e) Comunidades bilíngües;
- f) Política lingüística e bilingüismo etc;

Assim sendo, podemos discorrer sobre as idéias clássicas quanto ao bilingüismo. (1) O bilíngüe é aquele que possui o domínio pleno das duas línguas; por outro lado, vemos aquelas que introduziram o conceito de **competência** lingüística (o conhecimento que o falante tem da sua língua) e indicam nesta linha que: (2) bilíngüe é todo aquele que é capaz de saber compreender, falar, ler e escrever em uma língua distinta à materna. Existe também um grupo de estudiosos que pensa que: (3) o bilíngüe é aquele que é capaz de usar os mecanismos, estruturas e conceitos de uma segunda língua (L2), sem que para emitir uma mensagem tenha que fazer uma relação de equivalência com a sua língua materna (L1), ou mesmo, que seja capaz de pensar na língua 2.

Maitena Etxeberria realizou um exaustivo estudo sobre o bilingüismo seguindo a W. F. Mackey, que, além de concordar em boa parte das proposições supracitadas sobre bilingüismo, ainda recolhe a idéia de **competência**:

“Llamamos bilingüe al individuo que, además de su propia lengua, posee una competencia semejante en otra lengua y es capaz de usar una u otra en cualquier situación comunicativa y con una eficacia comunicativa idéntica” (Etxeberria, 1995: 16)

O bilingüismo ocupa um papel destacado na esfera das línguas em contato. E, portanto, em indivíduos ou comunidades bilíngües encontraremos fenômenos como: (a) *autonomia de códigos*: um bilíngüe ideal transita nos sistemas das duas línguas A e B sem nenhum tipo de interferência. A situação comunicativa na qual se encontra o bilíngüe ocasionará (b) *intercâmbio de códigos*: costuma ocorrer

quando um indivíduo bilíngüe se encontra imerso em uma conversa na qual, utilizam-se duas línguas ao mesmo tempo. Por último, temos um fato de extrema importância na mente do bilíngüe como é o caso da (c) *tradução*: o bilíngüe é capaz de expressar dois ou mais conteúdos de forma alternativa, tanto na língua A como na Língua B.

Etxeberría (1995: 19-36) cita vários tipos de bilingüismo:

- a) Bilingüismo individual: afeta ao indivíduo e aos condicionamentos psicológicos que incidem sobre o mesmo.
- b) Bilingüismo social: aquele que se refere à sociedade em seu conjunto – perspectiva coletiva, de grupo – na qual se integra o indivíduo.

Nesta última, cabe destacar que o bilingüismo social está regido por uma série de fatores. Para começar, podemos dizer que uma sociedade é considerada bilíngüe quando uma parte mais ou menos importante de sua população também o é. Haveria então uma relação de causa e o fato de consequência: existem sociedades bilíngües, pois existem indivíduos bilíngües ou, pelo contrário, que existam várias línguas numa comunidade traz como consequência a presença de indivíduos bilíngües.

Etxeberría (1995: 100)

“Llamaremos de bilingüismo social o colectivo al hecho de que en una sociedad, o en un grupo, o institución social determinado, se utilicen dos lenguas como medio de comunicación.”

Silva-Corvalán (1989) menciona ainda que acontecimentos históricos da humanidade nos dão inúmeras situações nas quais os coletivos humanos tiveram que entrar em contato com outros grupos, como mínimo, línguas diferentes: invasões em grande escala na Antigüidade (expansão da língua latina); colonização (exemplo, a chegada do Espanhol na América no século XVI), as correntes migratórias europeias a partir do século XIX em diante; duas grande guerras mundiais no século XX; motivos trabalhistas e culturais etc.

Entre os motivos que foram identificados para a existência de bilingüismo, destacam-se as seguintes:

- a) a ocupação ou colonização: o verdadeiro efeito bilíngüe provém da colonização, que é muito mais duradoura do que a ocupação. No mundo românico, o exemplo mais transparente é o Latim. No âmbito hispânico, a colonização de América desde o século XVI.
- b) O comércio: a necessidade de trocar produtos e bens de consumo.
- c) Superioridade demográfica: naqueles territórios onde a língua A é maioria, a população monolíngüe (de língua B, minoria) encontra-se impulsionada a dominar também a Língua A.
- d) Poder e Prestígio: a riqueza, o poder e o prestígio social que representa cada um dos grupos configuram-se como elementos essenciais para a necessidade de dominar a língua superior.

- e) A expansão e ascendência: a expansão por um território e a ascendência (o auge) que uma língua pode experimentar não parece que estejam ligadas à língua em si mesma. Em parte, pode-se argumentar o número de falantes, o poder político e econômico, o poder dos meios audiovisuais ou a hegemonia cultural (intelectual), sendo este último um fator chave.
- f) Educação: através do ensino. Uma língua de cultura é ensinada nas escolas e universidade.
- g) Influencia econômica.
- h) A religião.
- i) Os meios de difusão.

Como produto de situações de bilingüismo ou do que alguns autores chamam de “plurilingüismo” – contemplando aí a possibilidade de mais de duas línguas entrarem em contato -, em determinados territórios geográficos somados a outras circunstâncias, formaram-se algumas línguas que se denominam **pidgins e crioulos**. De acordo com López Morales (1989: 143), a formação desse tipo de línguas é o caso mais extremo do contato de línguas. Ou seja, não se trata agora de uma modalidade impor-se sobre a outra, ou de que em certas circunstâncias sejam alternadas duas ou mais línguas. Falamos, simplesmente, da formação de dois novos sistemas lingüísticos – muito particulares.

2.2.4 Pidgin

Costuma haver uma unanimidade entre os especialistas em indicar que um *pidgin* é uma variedade criada com o fim de comunicar-se com algum outro grupo. O Pidgin não é uma língua materna e não será usado por nenhuma comunidade para comunicar-se entre eles mesmos. Não é uma variedade de si mesma, nem também uma variedade “mal falada por um estrangeiro”. Atualmente, os pidgins podem ser classificados de duas formas:

- a) pidgin incipiente: serve unicamente como língua básica de comunicação, empregado em contextos muito concretos: portos marítimos, situações de compra e venda, contatos superficiais etc.
- b) pidgin elaborado: apresenta-se como uma segunda fase muito mais complexa, sistêmica (embora ainda muito simplificada) que o pidgin incipiente. O campo de ação é muito mais rico. Possui alguns elementos gramaticais mínimos e um léxico muito mais abundante.

Quando se está nos momentos iniciais de formação de um pidgin fala-se em pidginização.

Buscar as razões do nascimento de um pidgin não é tarefa fácil, especialmente se considerarmos que, geralmente, não existe uma única causa. Em muitos casos, há que voltar no tempo, séculos atrás, e seguir o caminho expansionista que determinadas comunidades européias realizaram desde o século XV em diante, o que explicaria – em boa parte – os pidgins e crioulos da África, Ásia e América.

Hudson (1981:74) ressalta que um caso histórico é aquele que se produziu com o tráfico de escravos africanos levados para a América. Tal fato provocou duas vertentes:

Os pidgins ficaram associados – embora que não sempre – a línguas faladas pelos escravos e com pouca reputação.

Como consequência do próprio isolamento, estes pidgins foram sendo usados como sistemas de comunicação em casos cada vez maiores. E pouco a pouco adquiriram um status de língua crioula.

O funcionamento do pidgin deve ser muito simples, assim como a sua aprendizagem.

Muitas vezes os pidgins são criadas como línguas de comércio.

Conforme propõe Mühlhäusler (1986: 5), são exemplos de aquisição direta e indireta de uma segunda língua, onde se possa apreciar um processo que parte de formas simples até as mais complexas, em função das necessidades comunicativas dos falantes.

2.2.5 Crioulo

A idéia mais aceita – embora não absolutamente compartilhada por todos os especialistas – é a de considerar que um crioulo é um pidgin que evoluiu o suficiente em sua estrutura lingüística ao ponto de deixar de ser uma segunda língua e converter-se em língua materna de uma comunidade.

O processo que começa no pidgin até o crioulo é conhecido como crioulização; e o estudo destas línguas denomina-se “crioulística”.

Os estudos sobre as línguas crioulas são mais abundantes visto que de certa forma possuem um maior número de falantes que os pidgins; por outro lado, a origem de sua formação sempre desperta um grande interesse e, terceiro, estão os próprios problemas que são derivados das misturas, relações ou interferências entre todas as línguas que participam na formação de um crioulo. Apesar disso, alguns especialistas consideram que as línguas crioulas são línguas e, portanto, devem ser estudadas como qualquer outra.

Outro aspecto é a mistura cultural e o componente racial que são fatores de primeira ordem na formação de um pidgin e crioulos. No entanto, outros autores como López Morales (1989: 147-148) indica que o mais importante são as fronteiras que se estabelecem entre falantes e variedades.

O crioulo, em definitiva, supõe uma complexa e heterogênea rede de situações da mais variada índole às quais o indivíduo e toda a comunidade estão inseridos. Agora já não é mais uma língua de contato mais ou menos superficial, porém uma língua que é empregada nas mais diversas situações domésticas, profissionais, familiares, comerciais, culturais, institucionais, governamentais, enfim, até se converter em língua oficial de um país.

Os limites entre pidgins e crioulo não se apresentam, de acordo como é comprovado em diversos estudos, totalmente evidente. Tanto os pidgins como os crioulos estão expostos a uma grande dinâmica lingüística e social.

Elizaincin (1992: 36) apresenta o esquema criado por Mühlhäusler argumentando quanto à criação de uma língua, a partir de um pidgin (passando

por etapas intermediarias, como o crioulo) e referindo-se que sempre existe a possibilidade de reversão, isto é, de retorno de um estágio determinado ao estágio anterior.

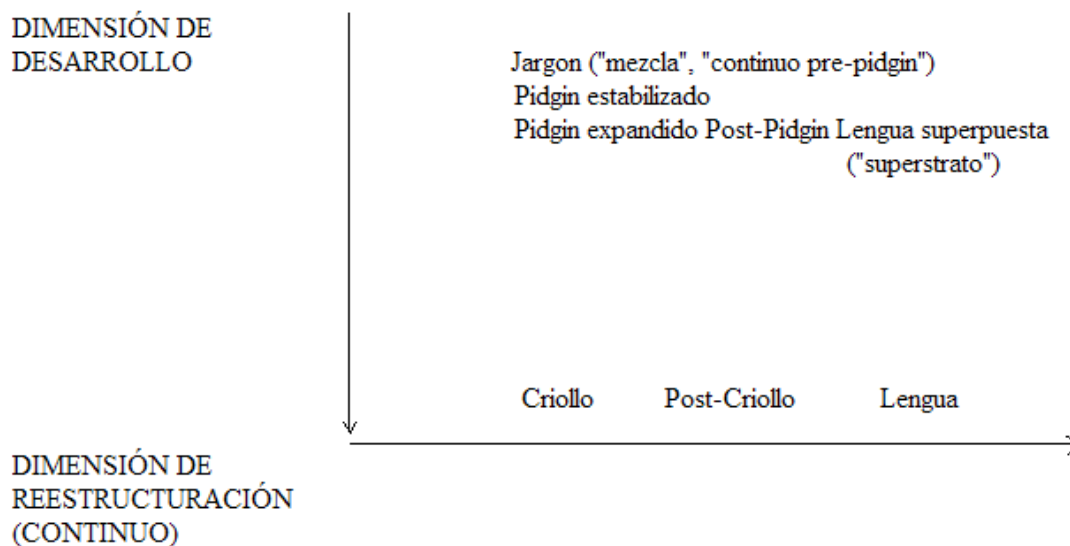


Fig. 11: Esquema criado por Mühlhäusler

Segundo Couto (2002:41) o crioulo surge quando surge uma nova comunidade formada por povos aloglotas que convergiram em um mesmo espaço cujos membros precisaram comunicar-se uns com os outros. Salienta que nos contatos iniciais desse contato ainda não há um instrumento de intercomunicação, o que faz com que o pouco de entendimento que se dá é apenas uma comunicação pragmática. À medida que a convivência entre esses povos vai se intensificando, vai surgindo um *meio de comunicação interétnica ou interlingüística* (MCI) que, assim que se cristaliza, é um crioulo. Assim, os conceitos-chaves para Couto na criouliização são os de territorialização, ou seja, de fixação de uma comunidade em determinado território, e o de comunitarização de um MCI, ou seja, quando ele se tranforma na língua principal (primary language) da comunidade em questão. Dessa forma, Couto convencionou de MCI de "Pidgin".

De fato, com tudo o que já foi exposto, devemos fazer referência a Espiga (2008) quanto aos DPUs:

“A interferência e o code switching, fenômenos muito freqüentes no português do Uruguai e também observados, mesmo que de modo mais restrito, em dialetos fronteiriços do português gaúcho, constituem processos sincrônicos inerentes à produção bilíngüe, nos quais a mistura das línguas se manifesta(...)Um aspecto que nos parece crucial consiste na compreensão de que o contato em si e a manifestação dos seus efeitos, como o code switching e as interferências, ocorrem de forma condicionada no contínuo. Tal condicionamento, principalmente quanto ao seu contexto funcional, tem sido analisado, tradicionalmente, em função de dois grandes eixos ou grupos de fatores: o interno (ou lingüístico) e o externo (ou extralingüístico)(...) os falantes do português do Uruguai, via de regra, sentem-se (e, de fato, são) fronteiriços em vários sentidos: são bilíngües (ou trilingües) e pluridialectais, alternando, continuamente, entre duas realidades, entre duas visões de mundo, às vezes coincidentes, outras vezes conflitantes, outras vezes complementares. O fator fronteira, como condicionante do *code switching*, pode ser motivado, por exemplo, pela presença de um interlocutor, no que se refere à sua competência mono ou bilíngüe e às condições pragmáticas que nessa comunicação se estabelecem.”

2.2.6 Variedades de Fronteira

Fala-se de “variedades fronteiriças” quando se dá o fato da existência de uma fronteira lingüística – que pode não ter, necessariamente, nenhuma relação com fronteiras político-administrativas dos países ou regiões, por exemplo, sala de aula de língua estrangeira – onde são empregadas duas ou mais línguas ou variedades. Esta situação pode ocasionar o bilingüismo ou também dar lugar ao nascimento de uma nova “modalidade de fronteira” constituída por elementos das duas línguas. Em função de relações sociais que se estabelecem na “fronteira” (grau de inter-relação da população fronteiriça, relações comerciais, contatos turísticos, etc.) aparecem numerosos casos de interferências.

No mundo hispânico, foram descritas situações de variedades fronteiriças: 1) o chamado dialeto fronteiriço “uruguaio-brasileiro”, com quatro variedades (Elizaincín, 1992); (2) entre o português e o espanhol, amplas áreas de toda a fronteira português-espanhola com dialetos de base leonesa como o de Ermisende (Zamora), Riodonor (Zamora-Bragança), Quadramil (Bragança), Miranda e Sendim (Portugal); (3) outras de base Galego-portuguesa entre outras.

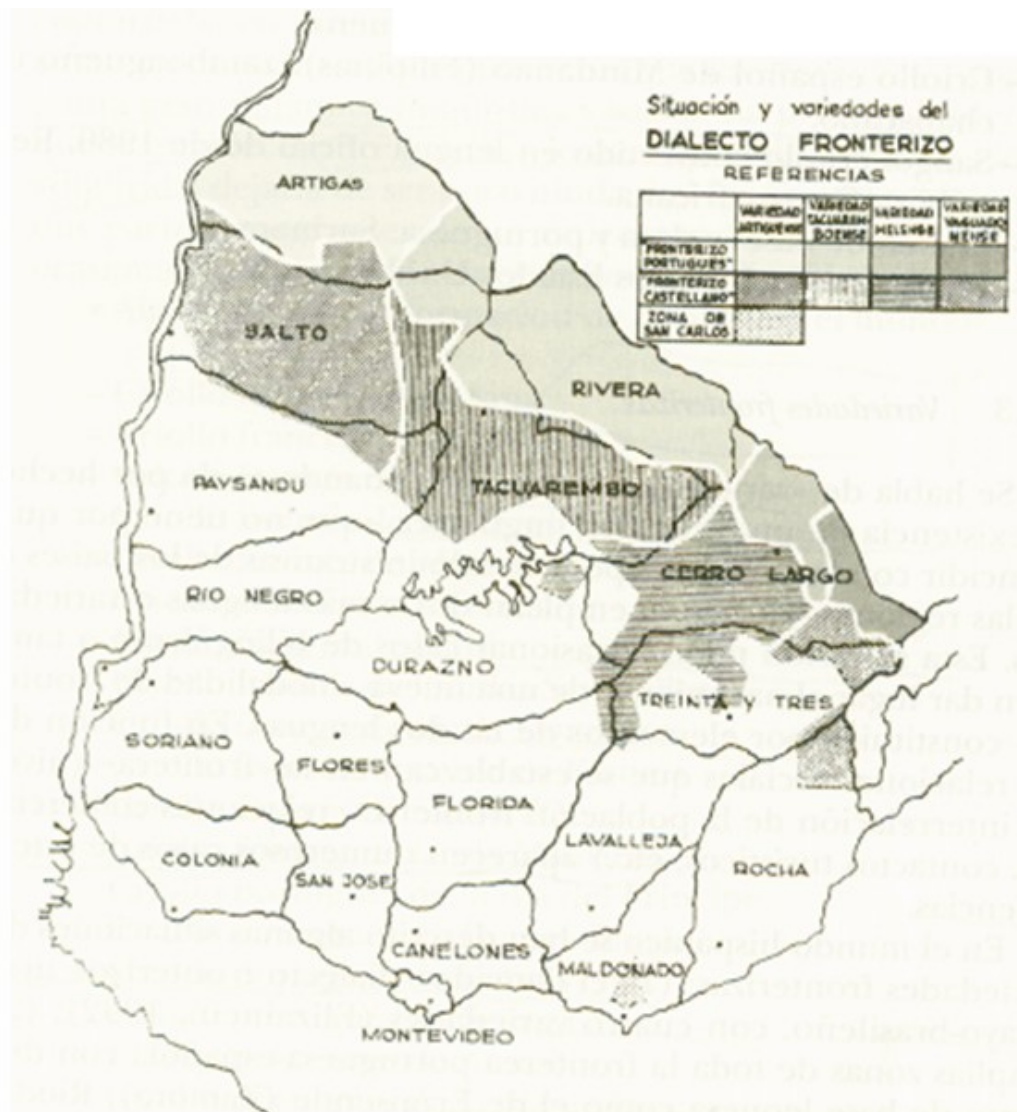


Figura 11 – Dialetos Portugueses no Uruguai - Rona (1965:9)

2.2.7 Diglossia

O uso que uma comunidade X pode fazer de uma língua dentro dos distintos níveis **diastráticos** (estratos sociais culturais) ou **diafásicos** (modalidades expressivas) tem sido um aspecto extensamente tratado pelos sociolingüístas e sociólogos, entre outros. Em alguns estudos sociolingüísticos, por exemplo, o caso mais extremo de estabelecimento de níveis (estratificação social) é o que aparece na diglossia (López Morales, 1989: 40-83). Falar de bilingüismo e de diglossia supõe que nos enfrentemos a um dos terrenos mais complexos e heterogêneos (pelo número de implicações individuais e sociais) que se estuda dentro da lingüística atual.

No número 15/2 do ano de 1959, a revista norte-americana *Word* publicou um artigo de Charles E. Ferguson intitulado “Diglossia”. Com esse trabalho, o autor alicerçou as bases do conceito e converteu-se no clássico estudioso do assunto. Ferguson (1959: 325) diz que em muitas comunidades de fala duas ou mais variedades da mesma língua são usadas por alguns falantes sob diferentes condições. Estabeleceu-se assim o seguinte esquema:

Tabela 9

VARIEDADES DIGLÓSSICAS

| | | |
|-----------|--------------------|-------------------------|
| -Língua X | 1) Variedade alta | (A) Situações formais |
| | 2) Variedade baixa | (B) Situações informais |

O importante na concepção de Ferguson é mencionar que se trata de duas modalidades ou variedades de uma mesma língua, não de duas línguas diferentes, empregadas em situações diversas. Isto significa que um mesmo falante poderia, em um dado momento, utilizar tanto a variedade A como a B, dependendo das circunstâncias comunicativas específicas. Se isso se produz assim, indica Guillermo Rojo (1985: 605), não teria por que ser conflitivo, desde que não haja nenhuma tentativa de unificação lingüística. Ferguson aprofunda os estudos nas variedades diglósicas do Árabe, Alemão suíço, Crioulo haitiano e Grego. De acordo com Ferguson (1959: 328-335), o fenômeno da diglossia apresenta nove características:

- 1) Função: variedade A usada em contextos formais (colégios, congressos, atos de protocolo, literatura...) e a B a modalidade da família, dos amigos, veículos de comunicação.
- 2) Prestígio: a língua de prestígio é a A e a de menor valor é a B.
- 3) Herança literária: a literatura séria e culta escreve-se em A. Em B, aparecem os folhetos e escritos de pouca consideração literária.
- 4) Aquisição: A adquire-se na escola, através dos livros. B é a língua materna e, como tal, é falada em casa e com as crianças. Portanto, o importante torna-se o desenvolvimento infantil.

- 5) Standarização: a modalidade A possui regras para o seu funcionamento (gramáticas, dicionários, tratados de pronúncia, livros de estilos, etc). Em B a ausência de normas escritas é o comum.
- 6) Estabilidade: durante séculos foram confirmadas as situações de diglossia. Este mesmo fato regulou o uso de A e B.
- 7) Gramática: A possui uma gramática muito mais ampla e complexa. B possui uma gramática muito mais simples.
- 8) Dicionário (Ferguson usa Lexicon): o vocabulário em mais situações das que se pensa, é compartilhado por A e B, embora com variações de forma e com diferenças de uso e significado.
- 9) Fonologia: (os sons que possuem relevância distintiva numa língua): no campo da fonologia, diz Ferguson (1959: 335), há mais dificuldades para oferecer uma generalização das relações entre A e B.

A primeira característica que indica Ferguson – a função que representa uma das modalidades – aparece exemplificada com uma série de situações contextuais nas quais se usaria A ou B.

Tabela 10: Situações diglössicas (Ferguson, 1959: 329)

| Situações diglössicas | A | B |
|---------------------------------------------------------------------------|---|---|
| Sermão em igreja ou mesquita | X | |
| Ordens a empregados, garçons, trabalhadores, escritório | | X |
| Carta pessoal | X | |
| Discurso no parlamento, discurso político | X | |
| Congresso na Universidade | X | |
| Conversa com família, amigos ou colegas | | X |
| Notícias radiofônicas | X | |
| Editorial de um jornal, narração de notícias, subtítulo de uma ilustração | X | |
| Subtítulo de uma caricatura política | | X |
| Poesia | X | |
| Literatura tradicionalista | | X |

Como pode ser visto, a variedade A possui um maior número de situações formais e seria mais conservadora, no entanto nela incidem alguns fatores que, através do tempo, a converteram em um veículo de cultura e prestígio. As mudanças produzem-se como quase sempre ocorre, quando nos sentimos em B, na língua oral, a língua em plena efervescência: entre amigos, na rua, no ambiente familiar, etc.

Assim, após a tabela, Ferguson (1959: 336) dá a sua definição de diglossia:

“Diglosia es una situación lingüística relativamente estable en la cual, además de los dialectos primarios de la lengua (que puede incluir una lengua estándar o estándares regionales), hay una unidad superpuesta, muy divergente, altamente codificada (a menudo más

compleja gramaticalmente), vehículo de una parte considerable de la literatura escrita, ya sea de un período anterior o perteneciente a otra comunidad lingüística, que se aprende en su mayor parte a través de una enseñanza formal y se usa en forma oral o escrita para muchos fines formales, pero que no es empleada por ningún sector de la comunidad para la conversación ordinaria.”

O que parece claro é que a sua análise referente à diglossia abriu um debate muito intenso sobre vários aspectos da conduta humana em relação com as línguas. Entre os autores que fizeram modificações estão J. A. Gumperz e Joshua Fishman, que, em vários trabalhos publicados fundamentalmente nos anos sessenta e setenta, marcaram alguns pontos da teoria de Ferguson. Assim, tanto Gumperz como Fishman argumentaram que o conceito de diglossia deveria ser estendido não somente às comunidades onde se falassem duas variedades de uma mesma língua, mas sim a todas aquelas sociedades que tivessem dialetos ou registros diferentes aos níveis lingüísticos funcionalmente diferenciados da classe que sejam. Posteriormente, Fishman (1979: 119-133) vincula o bilingüismo à diglossia. De seu pressuposto resultam quatro possíveis relações entre uma e outra dimensão:

Tabela 11: Relações entre bilingüismo e diglossia (Fishman, 1979:121)

| | | |
|-------------|-----------------------------|---------------------------------|
| | Diglossia | |
| | + | - |
| Bilingüismo | | |
| + | 1. Diglosia e bilingüismo | 2. Bilingüismo sem diglosia |
| - | 3. Diglosia sem bilingüismo | 4. Nem diglosia nem bilingüismo |

Assim como podemos observar na tabela acima Fishman propõe a existência de quatro tipos de comunidades:

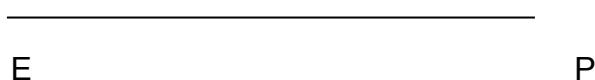
1. Comunidade lingüística caracterizadas pela diglossia e o bilingüismo: seria o uso do espanhol e o guarani entre outras regiões.
2. Comunidades lingüísticas caracterizadas pela presença do bilingüismo sem diglossia. São sociedades que usam duas ou mais línguas sem regras prefixadas. Os limites entre as fronteiras do bilingüismo e a diglossia foram se apagando.
3. Comunidades lingüísticas caracterizadas pela existência da diglossia sem bilingüismo: corresponde a comunidades muito marcadas socialmente, nas quais a classe alta fala uma variante e a classe baixa a modalidade popular.
4. Comunidades lingüísticas caracterizadas por não terem nem bilingüismo nem diglossia. Propõe uma situação quase ideal, pois se trata de sociedades muito pequenas, isoladas e não diversificadas.

A ampliação do conceito de diglossia iniciada por Fishman fez com que houvessem adeptos e pesquisadores que rejeitassem a proposta.

2.2.8 DPU - Língua de contato

Os dialetos do português do Uruguai, enquanto dialetos de contato com o espanhol, encontram-se em uma zona bilíngüe que conforma um contínuo português-espanhol. Trata-se de um contínuo que tem sido desenvolvido entre dois pólos, representativos das duas línguas-mães que, historicamente, mantêm-se em contato. Tal contínuo de contato pode ser representado como segue:

Diagrama do contínuo português-espanhol



No caso desta fronteira entre o Brasil e o Uruguai, o pólo português representa o português brasileiro, especificamente o português gaúcho, e o pólo espanhol representa o espanhol uruguaio.

Na tensão que se estabelece entre os dois pólos do contínuo de contato, observa-se que o eventual fortalecimento de um dos pólos, acarretando maior afluxo de inovações lingüísticas desse pólo no contínuo, acarreta como contrapartida, o enfraquecimento da pressão da outra língua, resultando no seu refluxo.

Behares; Elizaincin; Barrios (1987:11) argumentam que o surgimento, uso, prestígio ou desprestígio e ainda o desaparecimento de uma língua (ou dialeto), ocasionam-se devido às causas sociais e históricas. A partir de então, em segundo lugar, a situação lingüística do local começa a estabilizar-se e ser usada nas mais variadas situações de uso de uma comunidade (escola, administração, saúde etc...).

Ainda Behares (op.cit: 12) deixa claro que em relação aos falantes de camadas inferiores tanto culturalmente como socialmente, nem sempre possuem uma consciência clara quanto à sua forma de falar ou, se a própria, possui alguma diferenciação.

No entanto, se os indivíduos percebem diferenças em relação aos outros membros então eles se encontram obrigados a classificá-las de alguma forma:

- a) “Portuñol” – uma das designações mais neutras que podem ser escutadas no meio urbano entre os membros cultos em uma clara comparação ao “spanglish” ou outras formas.
- b) “Fronterizo” - muito usado em publicações científicas por autores como exemplo Rona e Hensey. Designa as falas em consonância com a geografia dialetal. No entanto, tal designação adquiriu conotações pejorativas, motivo pelo qual a grande maioria dos pesquisadores prefere não usá-la.
- c) Dialetos Portugueses no Uruguay DPU – Talvez o mais neutro de todos e que menos compromete. Dialeto no sentido diatópico, mais ou menos tradicional, forma de falar peculiar de uma determinada área do território. A denominação Dialetos, no plural, tem como ponto de partida a variabilidade, ou seja, existem tantos “fronterizos” como habitantes de fronteiras.

Rona (1965) delimitou quatro tipos diferentes de “fronterizos”, distinguidos em base a características fônicas, morfológicas, regionais e, portanto, fica justificada a nomenclatura dialetos em plural. A base do DPU é lusitana conforme atesta Rona (1965). Behares (1987:15) resume então que DPU trata-se de formas mistas (ou “dialetos bilíngües”, definição de Haugen (1973)), de base predominantemente portuguesa que, no entanto, evidenciam forte influência do espanhol. Os autores fazem questão de mencionar que o Uruguay, partindo de tal conceito, não seria um país totalmente monolíngüe, no mundo (como se pensava).

- A) não há dúvidas que os DPU evidenciam uma forte variabilidade (notoriamente causada pelo contato de duas ou mais línguas).

- B) Quanto à classificação (Pidgins - Crioulo - Dialeto bilíngüe), não é possível dizer a qual categoria pertencem os DPU.
- C) Um dos problemas fundamentais quanto à representação gráfica de alguns sons é que os DPU não possuem tradição escrita (como a maioria dos vernáculos de contato).
- D) Quanto às fricativas no sistema de DPU, Behares (1987:30-31) salienta que todas as sibilantes ficaram reduzidas a /s/, /z/ surda ou sonora respectivamente.

2.3 A Língua Espanhola e Portuguesa na América Latina

Bracco (2004: 40) comenta que durante o primeiro século depois da chegada dos europeus à América o espaço de fronteira que se gerou no Rio da Prata foi um vasto território sem grandes obstáculos naturais, que ninguém teve poder para controlar os atores daquela região. Ali atuaram cultivadores, caçadores, castelhanos, mestiços guarani-castelhanos, portugueses, mestiços tupi-portugueses, e, com menor influência, indivíduos de outras procedências.

Relativo ao estabelecimento efetivo da população nestas terras devemos recordar que o primeiro centro povoado de origem europeu é Colônia de Sacramento (1680), ao oriente do Rio Uruguai, fundada precisamente pelos portugueses. Esta fundação cristalizou a forte ameaça lusitana à Coroa espanhola, ameaça que se configurava sobre própria Buenos Aires. Nesse mesmo ano, o governador de Buenos Aires manifestava sua preocupação pelo tema da seguinte maneira (apud Bracco 2004: 121)

Por la mayor parte [ciudad de Buenos Aires] se compone de portugueses, sus hijos, y descendientes, y la ardiente pasión de estos a los otros, en que con poco disimulo se dejan conocer, me hace desconfiar de que les den la mano. Y más, estando los de la población [de Colonia do Sacramento] en distancia tan corta de 8 leguas (...) aún a los que les toca poco, le tira lo mismo, o por el parentesco, o por la memoria, que hacen del trato, que con los portugueses han tenido en tiempos pasados.

Neste íntimo contato, esta história fraternal a qual faz alusão o governador de Buenos Aires, talvez explique a indiferença à manifestação lingüística do português, inclusive em contextos de domínios claramente espanhol. No próprio ano da fundação de Colônia, esta passa às mãos espanholas, depois de um breve embate militar e durante o século XVIII passou a estar no poder de um ou de outro império dependendo das vicissitudes bélicas regionais e diplomáticas internacionais, até que somente em 1777, passa a domínio espanhol de forma definitiva. Os constantes embates entre a coroa espanhola e portuguesa tiveram, como uma das conseqüências, no território da Banda Oriental, a coexistência permanente de portugueses e espanhóis.

Segundo (De Souza 1997), a partir da fundação de Colônia de Sacramento, o estado luso sentirá ideologicamente como próprio esta área americana. A história de fundação de Montevideu (1724 – 1730) pode ser vista, entre outros aspectos, como uma resposta à ameaça dos portugueses a instalar-se nessa zona. Bruno Mauricio de Zavala chega à Bahia de Montevideu, com a finalidade de fundar uma população espanhola mas também com o objetivo de colocar limites aos portugueses que ali haviam pretendido instalar-se.

Não foi Montevideú a última tentativa lusa de avançar em direção ao Sul: em 1737, José da Silva Paez começou a edificação da fortificação de São Miguel e, em 1762, ergueu-se a fortificação de Santa Teresa, em Rocha. Tais edificações foram, em seguida, tomadas pelos espanhóis. A atual cidade de San Carlos (no departamento de Maldonado) é um exemplo de assentamento não militar; seus colonizadores eram lusitanos / açorianos que, tornaram-se prisioneiros de Ceballos à medida que invadiam o território português. Tais moradores eram obrigados a construir as suas próprias moradias, surgindo assim a vila de San Carlos Barranco, próximo ao quartel de Maldonado. Em 1783, os espanhóis fundaram Minas para opor-se à entrada portuguesa e em 1795 ocorreu o mesmo com Melo que também cobra valor como marca de fronteira hispânica. Finda a época colonial, no entanto é mantida a tendência portuguesa de levar as suas fronteiras naturais até o Rio da Prata. De fato, acontecem as invasões portuguesas à Banda Oriental em 1811-12 e 1816 e após é anexada a este território, em 1821, ao império do Brasil, Portugal e Algarves (situação que é mantida até 1828) em Bertolotti (2004).

Como citado

“En los períodos que podríamos llamar de “ocupaciones breves” constatamos la presencia de la lengua portuguesa en las comunicaciones de las autoridades a los habitantes de esta Banda.”

Aqui vemos uma clara demonstração que a língua portuguesa, em território uruguaio, já circulava em todas as camadas da sociedade. O hibridismo era tamanho que no mesmo livro ainda é citado sobre a correspondência em espanhol entre oficiais portugueses, ou seja, podemos dizer que no período cisplatino

existiu um uso facultativo de ambas as línguas. Estabeleceu-se um diálogo bilíngüe entre textos monolíngües, diálogo que se desenvolve com total fluência sem que se faça alusão em momento algum a esta peculiaridade: à consciência de que existe mais de uma língua em uso. Também há textos bilíngües, isto é, onde as suas línguas aparecem mescladas, seja na forma de code-switching ou de interferências E – P, conforme explica Coll (2008).

No Congresso Cisplatino de 1821, foi aprovada a incorporação da Província ao Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves. Nas bases da incorporação, declara-se o respeito aos usos e costumes, são fixados os limites geográficos, estabelece-se a manutenção da província como um estado diferente dos outros, é dada a independência às autoridades civis, militares, etc.

No entanto, não se fala em momento nenhum e em lugar nenhum quanto à língua que deveria usar-se na província. Importante mencionar que as referidas resoluções sobre a incorporação são escritas em espanhol.

Os olhares estrangeiros espantam-se quanto ao fato da língua não ter sido, nem sequer em épocas de invasão, um assunto de conflito. Em trecho³ do navegador francês, Auguste de Saint-Hillaire, em 1822:

Hoje jantei no ambiente do Padre Gomes, quem se comportou em forma extremadamente amável e educada. Notei que os comensais, que eram todos portugueses, mas todos estabelecidos desde faz tempo no lugar, misturavam muito o espanhol com a sua língua. O espanhol e o português se parecem tanto que, quando um sabe uma das duas línguas, compreende a outra facilmente, mas disso resulta que é muito difícil falar uma ou outra sem confundi-las. Desde o momento em que ouvi espanhóis, sempre os entendi quando me falaram e eles me compreendem também embora somente lhes fale em português.

Convenhamos, no entanto, que no período das invasões luso-brasileiras é um fato menor ao que se refere quanto às conseqüências lingüísticas, visto que tal presença militar e política não é a explicação última e mais forte, constantemente e ininterrupta presença lusitana no norte do Uruguai. Circunstâncias como a riqueza pecuarista de seus campos e o escasso número de habitantes de origem espanhol nestas terras fronteiriças favoreceu a instalação da população de origem lusa. São os indivíduos de origem portugueses, e não necessariamente o estado, quem se expandem territorialmente em direção ao sul da fronteira brasileira, uma fronteira que os indivíduos e a cultura rural não sentem como tal.

³Trecho do navegador francês, Auguste de Saint-Hillaire, em 1822: *J'ai dîné aujourd'hui chez le Padre Gomes, qui devient d'une politesse et d'une complaisance extrême. J'ai remarqué que les convives, qui tous étaient Portugais, mais qui sont depuis longtemps établis dans ce pays, mêlaient beaucoup d'espagnol dans leur langue. L'espagnol et le portugais se ressemblent tellement que, lorsqu'on sait l'un de ces deux idiomes, on comprend l'autre facilement, mais il résulte de là qu'il est très difficile parler l'un et l'autre sans les confondre. Dès l'instant que j'ai entendu des Espagnols, je les ai toujours compris lorsqu'ils m'adressaient la parole et eux m'entendent également, quoique je ne leur parle que portugais.*

Contudo, mesmo que o fato militar das invasões seja considerado menor, se comparado à ocupação colonizada da Banda, por parte dos portugueses, o bilingüismo então instaurado, na capital da Cisplatina, “veio reforçar o prestígio do português no contínuo (de todo o território), especialmente na região norte e nordeste” (Espiga 2008).

Ainda em Bertolotti (op. Cit) encontramos o seguinte trecho de Mena Segarra (2004: 7):

“El bajísimo valor de las tierras – depreciadas por la hecatombe ganadera que, según se admite, hizo descender las existencias bovinas de 7 millones a 2 millones entre 1843 y 1851 – alentaba a latifundistas y aventureros del Brasil para convertirse aquí en terratenientes por poco dinero. En estas campañas casi desiertas se instalaban los nuevos propietarios con sus familias y sus esclavos. Cálculos censuales de principios de la década del 60 indicaban, dentro de la población total de unos 200.000 habitantes para el conjunto del país, una concentración de 40.000 brasileños localizados al norte y al este. Desde 1854 se señalaban que en regiones como Aceguá casi no había orientales.”

Extremamente importante para dar conta da profundidade e extensão da língua portuguesa no norte do país é o fato de que, já constituído o Estado Oriental, ainda assim havia poucos uruguaios na região. Tal é a dimensão da presença portuguesa nos territórios mesmo entrando no século XIX, que em 1860, afirma-se na Câmara de Deputados em Montevideu que:

En esta localidad [al norte del Río Negro] tan importante de la República, puede decirse que ya no hay Estado Oriental: los usos, las costumbres, el idioma, el modo de ser, todo es brasilero; puede

decirse, como continuación del Río Grande del Sud (Carvajal 1948: 26).

Também na Câmara de Deputados de São Paulo surgem comentários do mesmo teor:

Veo señores Representantes, que tenéis una idea muy equivocada del poder y de los recursos del Imperio; vosotros creéis que allí en la línea o divisa material del Yaguarón adonde termina el imperio de nuestras leyes, al pisar la otra banda y pasar al territorio que se dice República Oriental, creéis que vais a encontrar al otro lado de la divisoria material un pueblo completamente distinto de lo que se llama Imperio del Brasil; pero es preciso que sepáis que felizmente no es así! Al pasar el otro lado del río Yaguarón, señores, el traje, el idioma, las costumbres la moneda, los pesos, las medidas, todo, todo, señores, hasta la otra banda del Río Negro, todo es brasilero (Carvajal, op.cit: 78).

Superados os embates bélicos em meados de 1864 e acordados os limites, 20% da população uruguaia era de origem portuguesa.

Apenas entre 1853 e 1862, a proposta do Parlamento uruguaio da época, são fundadas uma série de povoados (Cuareim, Treinta y Tres, Villa Artigas, Villa Ceballos, por exemplo) na região norte do país com a esperança de começar a impedir a presença brasileira. Além disso, com o decreto lei Regulamento de Instrucción Pública, em 1877, sobre a base de educação comum, editada por José Pedro Varela, é generalizada a educação primária em espanhol em toda a área.

No entanto, esta lenta ação povoadora e educativa, forjada a partir de Montevideu, provocará um contato estável e definitivo entre duas sociedades: a lusa e a hispano-gaúcha. O elemento hispano-falante penetra finalmente no norte,

área até então quase exclusivamente lusófona. O espanhol começa, então a expandir-se lentamente sobre a base lingüística portuguesa numa relação do tipo substrato-superestrato, dando origem aos hoje denominados Dialetos Portugueses do Uruguai – DPU – (Elizaincín et al 1987: 14 e ss. Elizaincín 1992, 49 e ss).

2.4 Teoria da variação

A idéia de que a variabilidade é uma característica inerente a qualquer sistema lingüístico conduz naturalmente à busca por uma explicação para o fato de o falante, ou grupo de falantes, efetuar uma determinada escolha e não outra.

Uma justificativa satisfatória para as escolhas realizadas pelos falantes começou a ser delineada com o advento da chamada Sociolingüística, termo cunhado nos anos 50 para designar uma perspectiva de análise que reúne as idéias de lingüistas e sociólogos com relação a questões sobre o lugar da língua na sociedade e, em particular, o contexto social da diversidade lingüística (Romaine, 2001). Pesquisas desenvolvidas principalmente nos Estados Unidos por William Labov (1972) na década de 60, e que originaram a chamada Teoria da Variação Lingüística, ou Sociolingüística Quantitativa, foram decisivas na constituição dessa concepção.

Ficou claro a partir de então que as escolhas entre dois ou mais sons, palavras ou estruturas não ocorrem simplesmente por opção do falante, mas obedecem a um padrão sistemático regulado por regras especiais, conhecidas como regras variáveis, que expressam a covariação entre elementos do ambiente lingüístico e do contexto social.

A fim de que se possa definir a configuração de uma regra variável, é necessário percorrer basicamente seis etapas.

Na primeira etapa, o pesquisador deve delimitar precisamente o fenômeno lingüístico variável, ou seja, definir a variável dependente, o que envolve o levantamento de todas as possibilidades de produção em variação.

Definida a variável dependente, o pesquisador está apto a iniciar a segunda etapa da pesquisa, na qual deve apontar as características internas (variáveis independentes lingüísticas) e externas (variáveis independentes sociais) ao sistema lingüístico que podem, por hipótese, estar influenciando a variável dependente. Deve basear-se para tanto nos dados da língua, na teoria lingüística e na própria estrutura social da comunidade de interesse.

Os possíveis valores de uma variável independente são representados pelos seus fatores, os quais devem obedecer a duas condições básicas: (a) ser mutuamente exclusivos, isto é, nenhum deles deve incluir totalmente ou parcialmente o outro, e (b) representar uma lista exaustiva de todas as possibilidades para seu grupo.

Para a caracterização dos possíveis condicionadores sociais, as chamadas variáveis independentes sociais, é necessário que o pesquisador acesse informações referentes às fronteiras geográficas e sociais da comunidade de fala alvo da pesquisa, como presença de imigrantes, relevância da idade, classe social, sexo, escolaridade, existência de grupos étnicos que possam apresentar diferentes variantes de fala e variação estilística.

Variáveis independentes estabelecidas inicia-se a terceira etapa. O pesquisador deve então procurar reunir os dados de fala real, base para a formulação da regra

variável. Para tanto, pode recorrer a bancos de dados, onde se encontra geralmente grande quantidade de material já coletado, ou ainda pode o pesquisador decidir ir a campo e efetuar sua própria coleta de dados.

Na abordagem variacionista, os dados coletados constituem em corpus que é submetido à análise estatística, na qual determina-se as variáveis que, efetivamente, são significativas para avaliação e, dentro destas, quais fatores se revelam como condicionamentos favorecedores ou inibidores de cada variante.

3. METODOLOGIA

A partir de Resultados do Varbrul será feita uma análise lingüística dos mesmos. O trabalho tem por objetivo descrever qualitativamente os impactos que o contato lingüístico com o espanhol produz na estrutura segmental dos dialetos portugueses no Uruguai.

Este estudo utiliza dados do *BDPU – Banco de Dados do Português do Uruguai* – residente na UCPEL e construído de modo interinstitucional, em parceria com a *Universidad de la República*. O BDPU disponibiliza dados do português uruguaio referentes a duas épocas de coleta: final da década de 1980 (denominada época “anterior”) e o período 2002-2003 (época “nova”).

Os dados da época anterior do BDPU é oriundo das entrevistas realizadas no âmbito do ADDU – Atlas Diatópico e Diastrático do Uruguai, trabalho desenvolvido por pesquisadores da Universidade de Kiel (Alemanha) e da *Universidad de la República*, cujos resultados, em termos de mapeamentos dialetológicos, foram parcialmente publicados por Thun et al. (2000). Desse acervo do ADDU, foram incorporados ao BDPU dados representativos dos dialetos de português de todas as comunidades lusófonas do Uruguai.

O *corpus* deste estudo formou-se com 2.328 dados ou ocorrências de /_s/ (em final de sílaba), representando os dialetos de Artigas, Rivera, Rio Branco e Chuy. Tais dados provêm de informantes distribuídos em dois grupos etários – jovens e idosos –, dois níveis de escolaridade – baixa e alta – e as duas épocas de coleta do BDPU – anterior e nova.

Cada uma das variantes foi processada, separadamente, pelo programa Varbrul – *software* utilizado para análise estatística dos dados.

Foram definidas variáveis lingüísticas e extralingüísticas como possíveis condicionamentos da variação: altura de vogal ou ponto e modo de consoante precedente e seguinte, posição na sílaba, correspondência ou não-correspondência entre o som e um fonema do PB, escolaridade, faixa etária, comunidade e época. Tais variáveis são compostas dos seguintes fatores:

0. Variável dependente: Correspondência entre o som do DPU e um fonema do PB

0) corresponde

1) não corresponde (desencontro)

Variáveis Independentes

1. Som produzido

s) [s]

z) [z]

h) [h]

2. Fonema correspondente ao som, no PB

s) /s/

z) /z/

3. Altura da Vogal Precedente

a) alta [i],[u]

m) media [e],[o]

b) baixa [ɛ], [ɔ],[a]

4. Ponto da Consoante Precedente

c) coronal [l],[r],[r],[t],[d],[s],[z],[tʃ],[dʒ],[n],[ʎ]

d) dorsal [R],[x],[h],[k],[g]

l) labial [p],[b],[f],[v],[m],[β]

v) articulação vocalizada da lateral [w], [ɹ] / [lʷ]

5. Modo da Consoante Precedente

p) plosivo [p],[b],[t],[d],[k],[g]

f) fricativo [f],[v],[s],[z],[ʃ],[ʒ],[x],[h],[β]

n) nasal [m],[n]

l) líquido [l],[ʎ],[r],[r]

a) africado [tʃ],[dʒ]

g) glide [j],[w]

6. Ponto da Consoante Seguinte

7. Modo da Consoante Seguinte

8. Posição na sílaba

1) onset inicial

2) onset medial

3) coda medial

4) coda final

Variáveis independentes extralingüísticas (ou sociais)

9. NSC (nível sociocultural)

a) alto

b) baixo

10. Faixa Etária

j) jovem (até 35 anos)

i) idoso (mais de 50)

11. Comunidade

1) Artigas

2) Rivera

3) Rio Branco

4) Chuy

12. Época

a) anterior (1980 – dados antigos)

n) nova (2002 – 2003 dados recentes ou atuais)

3.1 Método de análise

3.1.1 Descrição do Sistema Varbrul

O Sistema VARBRUL foi desenvolvido por Cedergren e Sanckoff, em 1974, para *implementar modelos matemáticos que procuram dar tratamento estatístico adequado a dados lingüísticos variáveis* (SCHERRE, 1993, p.1). Esse sistema

pode dar suporte, portanto, à avaliação quantitativa de dados lingüísticos que são analisados de acordo com a *Teoria da Variação*, de William Labov.

Há inúmeras pesquisas realizadas sobre o português falado no Sul do Brasil com o uso do Sistema Varbrul, abarcando diferentes componentes da língua como: fenômenos fonológicos (Exemplos: Amaral 1996, Sassi 1997; Espiga, 2001; Bisol 2002; Brescancini 2002; Amaral 2002; Vieira 2002; Brisolara, Matzenauer e Vandresen 2002, Espiga 2006), concordância verbal (Exemplo: Vandresen e Brisolara 2000), entre muitos outros.

Para que o programa seja utilizado, é necessário que sejam caracterizadas a variável dependente e as independentes. No primeiro tipo de variáveis, encontra-se a delimitação precisa do fenômeno lingüístico variável estudado, o que envolve o levantamento de um conjunto de variantes que ele possa apresentar. No segundo tipo, encontram-se as variáveis independentes lingüísticas (os fatores fono-morfo-sintáticos, os semânticos, os discursivos e os lexicais) e as variáveis independentes sociais, ou seja, os fatores inerentes ao indivíduo (como sexo, idade, etnia), os sócio-geográficos (como região, escolarização, renda, profissão, classe social).

É preciso que os dados que farão parte do *corpus* da pesquisa sejam selecionados, transcritos, codificados e, após, submetidos aos programas do Sistema VARBRUL adequados para serem obtidos os resultados estatísticos.

Diante da obtenção dos resultados, cabe ao pesquisador interpreta-los à luz das hipóteses levantadas, confirmando-as ou rejeitando-as, com base em um modelo teórico.

Os programas utilizados foram: CHECKTOK, READTOK, MAKE3000, VARB2000, CROSSTAB E TSORT. Inicialmente, criou-se um arquivo de codificação de dados (*.con), que apresenta o número de variáveis que foram trabalhadas, e um arquivo de especificações (*.esp), explicitando os fatores das variáveis dependente e independentes, lingüísticas e extralingüísticas.

O programa CHECKTOK é usado para detectar erros de codificação do arquivo de dados. Comparam-se os conteúdos das seqüências codificadas no arquivo de dados de acordo com as listas especificadas para cada grupo de fatores. Os resultados obtidos são enviados para um programa específico (*.cor). Se não for encontrado nenhum erro no arquivo de dados, passa-se para o próximo programa do pacote, o READTOK.

O programa READTOK realiza a leitura das seqüências codificadas, mantendo apenas os dados que são importantes para a análise estatística, criando um arquivo de ocorrências (*.oco), eliminando as informações não relacionadas. Se não ocorrer nenhum erro, então passa-se para o próximo programa que é o MAKE 3000, caso contrário o programa criará um arquivo READTOK.ERR e o pesquisador terá de realizar as correções necessárias e, após, rodar o programa mais uma vez. A partir de então usaremos o MAKE3000. Este programa prepara os dados. Para isso, é preciso que, além do arquivo de ocorrências, o pesquisador crie um arquivo de condições. Então passamos para o VARB2000, programa que trabalha com uma análise binária. O programa é o responsável pela mostragem de dados estatísticos: percentuais, pesos relativos e as variáveis selecionadas por ordem de relevância, como também pode descartar algumas variáveis não consideradas significativas para o trabalho. Logo,

passamos para o programa CROSSTAB, programa que faz o cruzamento de variáveis, responsável por cruzar percentagens atribuídas a dois grupos de fatores. O CROSSTAB recebe com entrada um arquivo de células gerado pelo MAKECELL ou MAKE3000, que é o responsável pela criação arquivo de saída (arq.cro), cuja amostra possibilita que visualizemos os cruzamentos dos grupos de fatores. E passamos para o programa TSORT que procura uma ou mais codificações específicas na série de codificações, mostrando apenas os dados que o pesquisador possui interesse.

O VARBRUL, além de calcular as probabilidades dos fatores de cada variável, apresenta uma seleção estatística das diversas variáveis analisadas, que é feita em função de um índice estatístico chamado nível de significância, cujo ideal é de .005. Os resultados indicam que a ocorrência acima de .50 favorece a aplicação da regra; em torno de .50 é neutra para a aplicação da regra e abaixo de .50 a inibe; no entanto, é a partir da combinação de variáveis que são geradas as regras probabilísticas para os contextos. Aplicado o pacote VARBRUL nesta pesquisa, ao final da análise obteve-se a matriz de correlação das variáveis independentes, podendo observar-se a ligação ou não existente entre essas variáveis.

A partir de resultados do VARBRUL será feita uma análise lingüística dos mesmos. O trabalho vai descrever qualitativamente os impactos produzidos na estrutura segmental do português do Uruguai pelo contato lingüístico com o espanhol.

4. Discussão de resultados

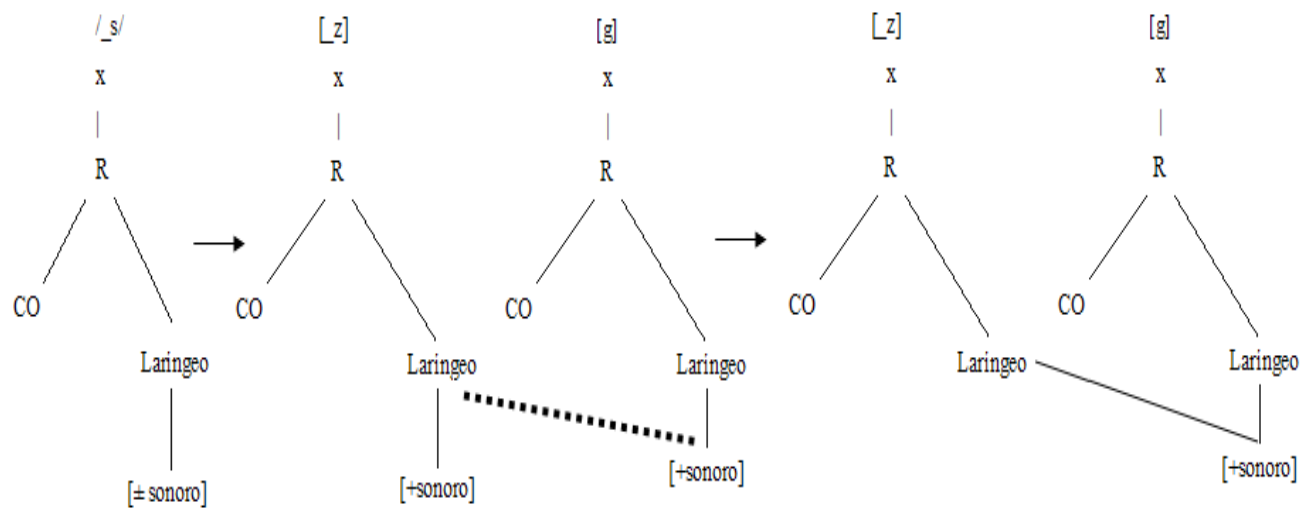
4.1 Processamento conjunto das diferenças entre o DPU e o PB

O corpus de ocorrências de /_s/ apresentou a seguinte distribuição:

Tabela 12: Distribuição dos alofones de /_s/ no DPU

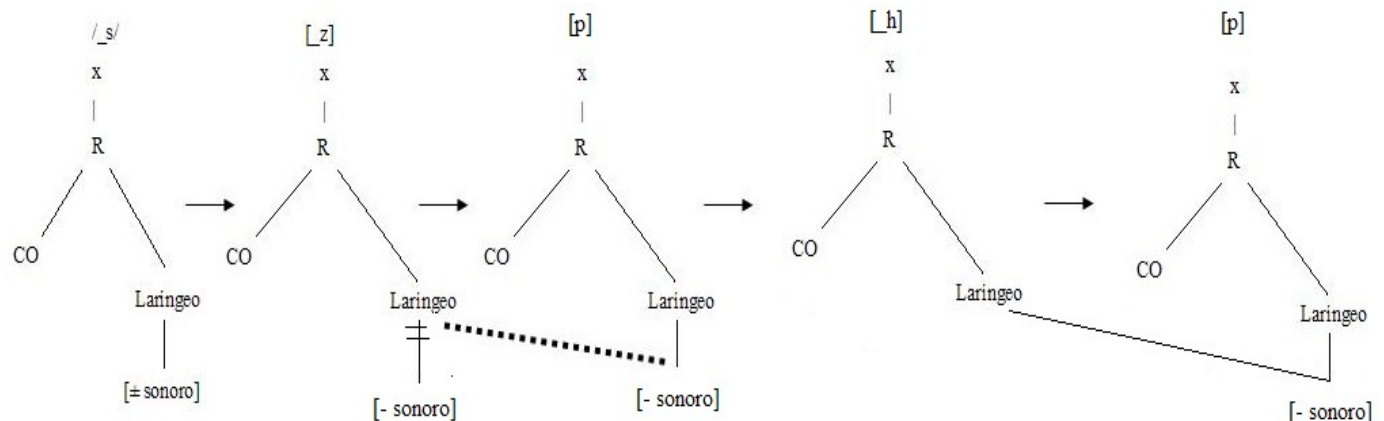
| | [s] | [h] | [z] | Total |
|---|------|-----|-----|-------|
| N | 2148 | 98 | 82 | 2.328 |
| % | 92 | 4 | 4 | 100 |

Observou-se, no universo dos dados, que o alofone [z], quando aparece no PU, resulta da mesma regra do PB, isto é, da especificação de [+sonoro] em /_s/ quando a consoante seguinte é sonora <vesgo>.



Não há, portanto, quanto a este alofone, qualquer diferença entre o DPU e o PB.

A ocorrência de [h] constitui diferença importante entre o DPU e o PB, já que este alofone não aparece no português gaúcho fronteiriço.



Quanto às ocorrências do alofone [s], uma parte representa a mesma aplicação que se faz no PB diante de contexto seguinte [-sonoro] <vespa>. Entretanto, outra parte corresponde a realizações de /_s/ precedentes a uma consoante [+sonora] [desde], constituindo diferença importante com o PB, uma vez que a expectativa, nesse contexto, seria a aplicação de [z].

Isto posto, interessou observar os aspectos extralingüísticos que condicionam essas diferenças e, posteriormente, analisar cada variante por separado, a fim de observar também eventuais condicionamentos lingüísticos.

O processamento conjunto das diferenças encontradas entre o DPU e o PB, isto é, das ocorrências de [s] no lugar de [z] e das ocorrências de [h] no lugar de [s] e de [z], apontou como relevante a variável comunidade, a qual apresentou os seguintes pesos relativos:

Rio Branco = .83

Artigas = .71

Chuy = .33

Rivera = .13.

A primeira leitura desses resultados mostra o português de Rio Branco e o de Artigas como os mais contrastantes ou desencontrados, quanto à realização de /_s/, com o PB, já que ao fato de pertencer a esses dialetos foi atribuído peso relativo bastante expressivo (.83 e .71, respectivamente), cujo valor indica

favorecimento do aspecto ora pesquisado, ou seja, da diferença. Já o português de Rivera mostra-se muito próximo do PB, uma vez que o seu peso relativo é baixo (.13), o que indica inibição da diferença, ou seja, revela bastante semelhança ou proximidade desse dialeto com o PB.

4.2 Processamento de /_s/ como [s] antes de consoante [+sonora]

A variante [s] foi analisada como realização de /_s/ antes de consoante [+sonora] em 111 ocorrências desse contexto. Trata-se, portanto, de uma diferença com o PB. A aplicação dessa diferença apresentou a seguinte distribuição:

Tabela 13: Distribuição de [s] em realização de /_s/ antes de consoante [+sonora]

| Comunidade | | Aplicação | Não-aplicação | Total |
|------------|---|-----------|---------------|-------|
| Artigas | N | 9 | 49 | 58 |
| | % | 16 | 84 | 100 |
| Rivera | N | 0 | 4 | 4 |
| | % | 0 | 100 | 100 |
| Rio Branco | N | 7 | 39 | 46 |
| | % | 15 | 85 | 100 |
| Chuy | N | 3 | 0 | 3 |
| | % | 100 | 0 | 100 |

Observa-se na tabela acima que somente duas comunidades apresentam variação quanto à realização de [s] em /_s/ antes de consoante [+sonora]: Artigas e Rio Branco. Nesses dialetos, a aplicação é praticamente igual: 16% e 15%, respectivamente.

O português de Rivera não apresenta aplicação de [s] nesse contexto. Ao contrário, das quatro ocorrências, todas resultaram em aplicação de outro alofone. Conforme se confirma mais adiante, nos processamentos separados de [h] e [z], o alofone [z] é aplicado em todos os casos, como é o padrão do PB.

Já o português do Chuy aplica [s] nos três casos de consoante seguinte sonora que apareceram nos dados. Mesmo diante da escassez de contextos, nesse caso, aparece de forma bem marcada a diferença desse dialeto com o padrão do PB.

Neste processamento de [s], as variáveis de modo da consoante seguinte e de posição na sílaba (quanto ao tipo de coda) resultaram relevantes. Dessas variáveis, os fatores que se destacaram apresentaram os seguintes pesos relativos:

Modo nasal da consoante seguinte = .96

Coda medial (não-final) = .60

Coda final = .20

4.3 Processamento de /_s/ como [h]

No processamento de [h], o único aspecto significativo é a variável comunidade, que obteve os seguintes pesos relativos:

Rio Branco = .81

Artigas = .69

Rivera = .13

Não há ocorrência de aspiração (variante [h]) nos dados referentes ao Chuy, o que pode ser atribuído à baixa ocorrência desse alofone no espanhol dessa comunidade.

Os valores resultantes do processamento de [h] confirmam as diferenças já observadas no processamento conjunto das diferenças entre o DPU e o PB, no sentido de que o português de Rio Branco e de Artigas são mais próximos do pólo espanhol, no contínuo E-P - o que se infere a partir do favorecimento de [h] -, enquanto o português de Rivera aparece mais distante do pólo espanhol, ao passo que mais próximo do pólo português do contínuo E-P.

4.4 Análise autosegmental da aspiração /s/

Foi Goldsmith (1979) quem nos ofereceu um exemplo de como funcionaria a fonologia autosegmental ao tratar fenômenos segmentais. Interessou-se em particular pela aspiração do fonema /_s/ em coda que se registra na maioria dos dialetos hispânicos e cuja representação informal consta a seguir:

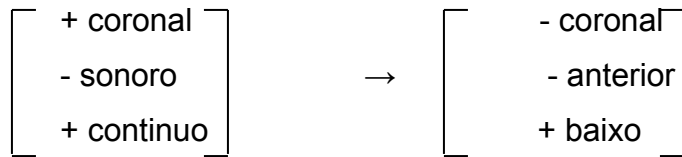
REGRA “d”

$s \rightarrow h / X$

(X = determinado contexto)

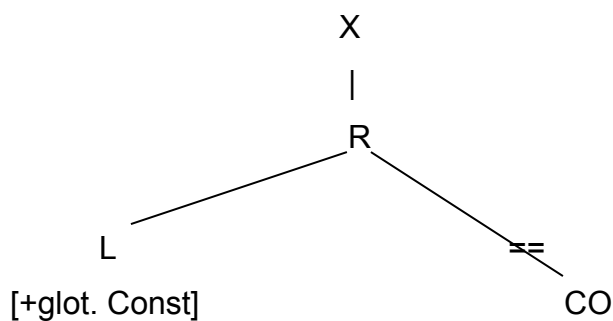
Na regra “d” converte o /_s/ de /esto/ e /mes/ nas respectivas [éhto] y [méh]. O problema de “d” é que não expressa a naturalidade do processo de aspiração.

Mostra uma formulação linear deste processo, que ainda assim não reflete o que possa ocorrer de natural nele, ou seja, por que é produzida uma mudança de /s/ para [h]



Alguns autores como Lass (1976) argumentaram que a transformação das fricativas surdas /f, θ, s, x/ em /h/ entendem-se como processos pelos quais um segmento perde todas as suas características supralaríngeas, conservando somente as suas características laríngeas ou glotais, processo este conhecido também como debucalização. A mesma solução é proposta por Goldsmith (op.cit) para dar conta da mudança /s/ → [h] em espanhol. Este tipo de análise é facilmente representável dentro do modelo hierárquico.

Pela Geometria de Traços de Clements e Hume (1995), a aspiração de /s/ pode ser concebido como um processo de dissociação do nó Cavidade Oral deste segmento quando forma parte da rima de uma sílaba. As únicas características de /s/ não afetados por esta operação são as características laríngeas.



4.5 Rodada de /_s/ como [z]

No processamento de [z], entendido como aplicação do padrão do PB na realização de /_s/ antes de consoante [+sonora], resultaram significativas as variáveis de modo de articulação da consoante seguinte e faixa etária dos falantes, destacando-se os seguintes fatores:

Modo nasal = .97

Modo líquido = .97

Idosos = .61

Jovens = .61.

Deste processamento não participou a comunidade de Chuy, onde não há ocorrências de [z] como alofone de /_s/.

O importante favorecimento de [z] por parte de consoante seguinte nasal ou líquida confirma que os uruguaios lusófonos que possuem [z], no seu inventário fonético, ao estilo do PB, já que a sua aplicação é sensivelmente favorecida por consoantes nasais e líquidas, de natureza sonora.

O discreto favorecimento do grupo de idosos sinaliza que as peculiaridades fonêmicas do PB são mais preservadas nesse grupo, enquanto os jovens tenderiam a preferir a aproximação do DPU ao espanhol, no contínuo E-P.

O favorecimento de preservar em maior quantidade as peculiaridades do PB, pelo grupo de idosos, fundamenta-se pela política instaurada no país vizinho a meados da década de 1970. Segundo Behares, nesse período, a ditadura militar estava em seu apogeu, e foi na ditadura militar, que o Estado atribuiu ao português “caráter antinacional”, passando a ser “proibido” o seu uso, apesar de constituir, de fato, no norte e nordeste do país, língua materna de muitos uruguaios. Em consequência, o português do Uruguai permanece confinado ao âmbito das interações domésticas e marginais, ocorrendo o seu refluxo no contínuo lingüístico. Além disso, a impossibilidade de comunicar-se com o seu referente brasileiro determina o relativo isolamento lingüístico do português do Uruguai, o que provoca o distanciamento, por parte dos dialetos, do pólo português e a sua

aproximação do pólo espanhol, o qual, por sua vez, durante todo o séc. XX, os permeia e modifica justificando assim a postura dos jovens que aproximam-se cada vez mais do contínuo Espanhol.

El ámbito familiar y doméstico es el ámbito natural de supervivencia de los DPU. Se combate explícitamente el portugués que es visto como una forma de “penetración idiomática reciente a través de la televisión brasileña” (Behares 2003: 16).

No entanto, a meados de 1990, por força da integração regional, especificamente com o Brasil, no contexto do Mercosul, o português, com status de língua oficial, assim como o espanhol e o guarani, passa a ser valorizado positivamente e o português do Uruguai começa a ser reconhecido e valorizado como um bem cultural. Nas últimas duas décadas, algumas ações importantes têm sido empreendidas pelas autoridades educacionais uruguaias, voltadas a adequar a política educacional à realidade bilíngüe do norte e nordeste do país.

5. Conclusão

Ao analisarmos as fricativas sibilantes /s/ do português do Uruguai, é possível dizer que há uma heterogeneidade do português do Uruguai e da fronteira, pois não há um cenário uniforme de variação de /_s/, mas vários cenários:

/_s/ -> [s] ~ [z] ~ [h] (Artigas, Rivera, Rio Branco)

/_s/ -> [s] ~ [z] (Chuy)

- Heterogeneidade entre Chuy, de um lado, e Artigas e Rio Branco, de outro.

Mesmo que os três dialetos se mostrem mais próximos do pólo espanhol do contínuo P-E, em comparação ao português de Rivera, o português do Chuy não possui a variante [h] no cenário de variação do /_s/, em virtude de ser esse alofone muito raro no seu espanhol. Isso pode ser atribuído ao caráter conservador do dialeto de Rocha – capital do departamento a que Chuy pertence –, que se interpõe como barreira entre esta região de fronteira e Montevideú, de onde [h] é procedente.

M
apa
2:



Uruguai e as regiões de fronteira

Para finalizar, ainda entre as hipóteses passíveis de reflexão quanto ao comportamento das fricativas do DPU podemos argumentar que:

* Hensey, ao descrever o sistema fonético de Rivera, nada mencionou a respeito do fone aspirado. (A aspiração não era produzida no norte do Uruguai, região que Hensey realizava a sua pesquisa). Após 36 anos da primeira observação realizada por Hensey, foi possível constatar, nos processamentos do Sistema Varbrul, a identificação do fone aspirado, cuja representação ficou em significativos 4% (ou seja, 98 aparições em um universo de 2.328), o que pode ser entendido como um índice importante, uma vez que representa o surgimento de uma nova forma. Neste momento, torna-se necessário destacar as palavras de Espiga (2008), quando argumenta sobre a variante aspirada como forma nova. Um fenômeno recente no Espanhol do Prata e, mesmo sendo uma característica nova na região para o mundo espanhol, já é possível, no Português do Uruguai, detectá-la. Espiga (2008):

Em outras palavras, o português e o espanhol fazem-se presentes em uma forma nova; daí, a transição e o compartilhamento. Entre abundantes casos de interferências que se manifestam como efeitos explícitos ou diretos do contato, refiramos a ocorrência, no português do Uruguai, do alofone aspirado [h] na variação do /s/ implosivo⁴, em palavras como <mosca>, <vesgo>, <costa>:

Variação de /_s/ no português do Uruguai

/_s/ → [s] > [z] > [h] > ∅

Embora esse fato tenha sido salientado como algo recente, levantamos a seguinte hipótese, alicerçado em tudo o que já foi exposto no capítulo 2.1.5.1 (p. 36-37) e após constataremos os dados de Rivera quanto à aspiração:

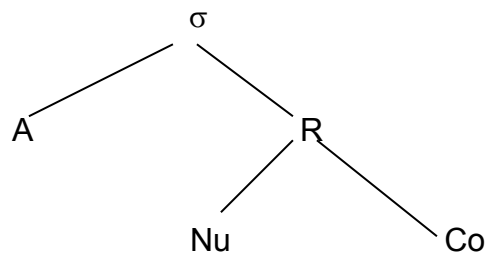
⁴Nota de Rodapé do autor: “Hensey (1972) dá conta de inúmeras outras interferências fonêmicas do espanhol no português do Uruguai, referindo, entre elas, o ensurdecimento /z/ → [s].”

- 1) Podemos dizer que, ao produzirem-se as sibilantes como fones fricativos aspirados em coda, em virtude da influência exercida pela língua espanhola, que transfere o processo de aspiração ao dialeto português, poder-se-ia propor uma nova regra telescópica, na qual teríamos, primeiramente, uma fricativa [-sonora], passando para [+sonora]; logo, um estágio de aspiração; posteriormente um processo de assimilação; até chegarmos à elisão do fone fricativo; finalmente, um zero fonético que culminaria em uma geminação da vogal, a fim de que esta possa ocupar a unidade de tempo (ou esquelética) deixada “vaga” pela consoante.

Hipótese após análises: Variação de /_s/ no português do Uruguai

$/_s/ \rightarrow [_s] > [_z] > [_h^z] > [_h] > [_V^h] > \emptyset > [V:]$

Intuímos que, antes de a vogal tornar-se geminada ela ainda passaria por um estágio anterior que traria, consigo resquícios de aspiração, por assimilação da forma [h]. Essa assimilação não seria inesperada, considerando a relação próxima que há entre núcleo e coda da sílaba conforme Selkirk (1982)



Já citado neste trabalho (2.1.4: 23), uma sílaba (σ) é constituída de um ataque (A) e em uma rima (R); a rima, por sua vez, consiste em um núcleo (Nu) e em uma coda (Co). Qualquer categoria exceto Nu pode ser vazia.

Lembre-se que os segmentos consonantais em coda tendem a ser anulados em virtude da pouca ou nenhuma informação que portam. Saliente-se, também, que essa alteração estrutural no nível segmental, que repercute na estrutura silábica, atende a tendência natural da Lei do Menor Esforço (Ladefoged e conforme já

citado por Nuñez - Cedeño e Washington Vasquez, quanto à questão da geminação).

Para finalizarmos o presente trabalho, ainda gostaríamos deixar em aberto as seguintes perguntas para que o leitor possa fazer uso do material e ainda se interessar em contribuir com novas pesquisas:

Questionamento 1) Será que os professores em sala de aula, ao estabelecerem uma fronteira lingüística, não teriam um ambiente similar ao DPU?

Questionamento 2) Em sala de aula, será que os professores não se deparariam com as novas formas supostas: (/ _s/ → [_s] > [_z] > [_hz] > [_h] > [_Vh] > Ø > [V:]) podendo prever estágios, fossilizações ou mesmo anteceder dificuldades no processo de ensino / aprendizagem (realizando fones, da mesma forma que os falantes de DPU o fazem em seu inventário fonético)?

Questionamento 3): Será que a recíproca do lado do português gaúcho da fronteira é verdadeira? (ou seja, que alunos e comunidades que compartilham o contínuo P – E terminem incorporando do Espanhol, segmentos que não são comuns no português, como, por exemplo, da aspiração em diante com possibilidade de chegarmos à vogal geminada?)

Interessantes, porém perguntas que tentaremos responder em um futuro breve.

Bibliografia

ALARCOS, Emilio Llorach. Gramática de la lengua Española. Real Academia Española – Colección Nebrija y Bello. Madrid: Espasa Calpe, 1995.

BEHARES, Luis E., Carlos E. DÍAZ, Gerardo HOLZMANN. Na fronteira nós fizemo assim. Lengua y cocina en el Uruguay fronterizo. Montevideo: Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, Universidad de la República, 2004.

BDDPU – Banco de dados de dialetos portugueses no Uruguai. UCPEL 2005, 2006

BERTOLOTTI, Virginia, Serrana CAVIGLIA, Magdalena COLL, Marianela FERNÁNDEZ. Documentos para la historia del portugués en el Uruguay. Montevideo: Montevideo: Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, Universidad de la República, 2005a.

BRESCANCINI, C.. A REPRESENTAÇÃO LEXICAL DAS FRICATIVAS PALATO-ALVEOLARES: UMA PROPOSTA. Revista Letras, América do Sul, 61 23 12 2004.

BISOL, Leda. Introdução aos estudos de fonologia do português brasileiro. EDIPUCRS, 1996.

BISOL, Leda. Introdução aos estudos de fonologia do português brasileiro. EDIPUCRS, 1999. 2ª edição.

CAGGIANI, I. *Sant'Ana do Livramento: 150 anos de história*. Livramento, ASPES, 1983.

CÂMARA JR., J. M. Dicionário de lingüística e Gramática. Petrópolis, Vozes, 1984

_____, para o estudo da fonêmica portuguesa. RJ: Simões, 1953.

_____, estrutura da língua portuguesa. Petrópolis, RJ: Vozes, 1970.

_____, Dicionário de Lingüística e Gramática 7ª edição, Petrópolis, Vozes, 1977.

CARVALHO, Ana Maria. Português para falantes de espanhol: Perspectivas de um campo de pesquisa. Hispania: 85.3., 2002: 597-608.

_____. Spanish (s) aspirantion as a prestige marker on the uruguayan-brazilian border. Spanish in context, 2006

CAVIGLIA, Serrana; COLL, Magdalena; FERNÁNDEZ, Marianela. Documentos para la historia del portugués en el Uruguay. Montevideo: Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, Universidad de la República, 2005a

CEDEÑO, Rafael Nuñez; MORALES-FRONT, Alfonso. Fonología generativa contemporânea de la lengua espanhola. Washington D.C.: Georgetown University Press, 1999.

CHOMSKY, N. e HALLE, M. The sound patterns of English. New York, Harper & Row, 1968.

CHOMSKY, N., *Structures Syntaxiques*; ed. Seuil; 1969.

_____, [Reflexões Sobre a Linguagem](#), Editora Edições 70, 1977.

CLEMENTS, George N. *The geometry of phonological features. Phonology Year-book, London, n2, p225-252. 1985*

_____. *Place of articulation in consonants and vowels: a unified theory. Working Papers of the cornell Phonetics Laboratory, n5, 1991a.*

CLEMENTS, G. e HUME, E. The internal organization of speech sounds. In: Goldsmith J.A (ed.) *The Handbook of Phonological Theory*. Cambridge, Blackwell, 1995.

COUTO, Hildo Honório do: Anti-crioulo: manifestação lingüística de resistência cultural; 2002; Texto integral; Anti-crioulo: manifestação lingüística de resistência cultural; Hildo Honório do Couto; 1; Thesaurus Editora; Brasília; BRASIL; 136

ELIZAINCIN, A.; BEHARES, L. e BARRIOS G. Nos falemo Brasileiro. Dialectos portugueses em el Uruguay. Montevideo, Amesur, 1987.

ELIZAINCÍN, Adolfo, Luis BEHARES, Graciela BARRIOS. Nos Falemo Brasileiro. Dialectos Portugueses del Uruguay. Montevideo: AMESUR. 1987.

ESPIGA, J. Influência do espanhol na variação da lateral posvocálica do português da fronteira. Pelotas: UCPel, 1997. (Dissertação de mestrado)

_____. O português dos Campos Neutrais: um estudo sociolingüístico da lateral posvocálica nos dialetos fronteiriços de Chuí e Santa Vitória do Palmar. Porto Alegre: PUC, 2001. (Tese de doutorado)

_____. A lateral posvocálica na fronteira dos Campos Neutrais: estudo sociolingüístico da regra telescópica nos dialetos de Chuí e Santa Vitória do Palmar. Letras de Hoje. Porto Alegre. V.37, nro 1, p.49-68, mar 2002a.

_____. Como se combinam a mudança e o contato lingüístico: a regra telescópica da lateral posvocálica na fronteira dos Campos Neutrais. In: Vandresen, P. (org) *Variação e mudança no português falado da região sul*. Pelotas: Educat, 2002b. p.69-94.

_____. O contato do português com o espanhol no sul do Brasil. In: Vandresen, P. (org) *Variação, mudança e contato lingüístico no português da região sul*. Pelotas: Educat, 2006a. p.261-279.

_____. Aspectos de transición en el segmento portugués del continuo fronterizo. Pelotas: UCPEL-UFPEL, Mesa-Redonda do VII Encontro do CELSUL, 2006b.

_____. O contínuo português-espanhol: contato e variação lingüística. In: Espiga, J.; Elizaincín, A. *Español y Portugués: um (velho) Novo Mundo de fronteiras e contatos*. Pelotas: Educat, 2008.

FERGUSON, CHARLES A. 1959. "Diglossia."

FERNÁNDEZ, Juana Gil. *Panorama de la fonología española actual*. Madrid: Arco Libros, 2000.

FERNÁNDEZ-JULIO, Sevilla "Los fonemas implosivos en español" (tomo XXXV), 1980.

GIL FERNÁNDEZ, J. Un Cuarto de siglo de fonología española. IN: Gil Fernández, J. (org) *Panorama de la fonología española actual*. Madrid, Arco Libros, 2000.

GOLDSMITH, J. An overview of Autosegmental Phonology. *Linguistic Analysis*, 1976.

_____. Las unidades subsegmentales em la fonología española: enfoque autosegmental. In: Gil Fernández, J. (org) *Panorama de la fonología española actual*. Madrid, Arco Libros, 2000

HALLE, Morris; IDSARDI, William. General properties of stress and metrical structure. In: GOLDSMITH, J. (org). *The handbook of phonological theory*. Oxford: Blackwell, 1995.

HARRIS, James. *Syllable structure and stress in Spanish. A non linear analysis*. Cambridge, Mass.: MIT, 1983.

HJEMSLEV, L. *Prolegómenos a una teoría del lenguaje*. Madrid, Aguilar, 1971.

HJEMSLEV, L. *Principes de grammaire generale*, Copenhagen, 1928

HENSEY, F. G. *The sociolinguistics of the Brazilian-Uruguayan border*. The Hague, Mouton, 1972.

HENSEY, F.G. *The sociolinguistic of the Brazilian-Uruguayan border*. The Hague, Mouton, 1976.

HERNANDORENA, C.L.M, Introdução à Teoria Fonológica. In: Bisol, L. (org) Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro. Porto Alegre, Edipucrs, 1999.

_____. representação do processo de assimilação na aquisição da linguagem. 1997. (Não publicado).

HYMAN, Larry M. *Phonology: Theory and Analysis*. New York: Holt, Rinehart & Winston, 1975.

MATTOSO CÂMARA Jr., Joaquim. 1941. *Princípios de Lingüística Geral como Fundamento para os Estudos Superiores da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Briguiet. (Reimpr. em 1942).

_____, História e Estrutura da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Padrão. (1975)

MEDINA LOPEZ, JAVIER, *Lenguas en Contacto*, ARCO LIBROS, S.A., Madrid, 1997

J. P. VARELA, *La educación del pueblo*, (Colección Clásicos Uruguayos, vol. 49.) Montevideo, Uruguay, 1964.

LABOV, W. The social stratification of English in New York City. Washington, Center for applied Linguistic, 1966

_____. Princípios del cambio lingüístico. Madrid. Gredos, 1994, 1996

LADEFOGED, P. Elements of acoustic phonetics. Chicago – London, University of Chicago, 1962.

_____. A course in phonetics. New York, Harcourt Brace Jovanovich, 1975.

LASS, Roger. Phonology: na introduction to basic concepts. Cambridge : Cambridge Univ. Press, 1984.

LOPEZ, B.S. The soundo pattern of Brazilian Portugueses (cariocan dialect). Los Angeles: UCLA, 1979. Tese de doutorado em lingüística. UCLA, 1979

GUILLERMO ROJO; *Aspectos básicos de sintaxis funcional* (1983)

GÓMEZ TORREGO, LEONARDO. Gramática didáctica del español. São Paulo: Edições SM, 2005.

LÓPEZ MEDINA, H. 1984. *La enseñanza de la lengua materna*. Madrid. Ed. Playnor

LÓPEZ MORALES, H. *Sociolingüística*. Madrid: Gredos, 1989.

Magdalena Coll El voseo en el Uruguay. Boletín de Difusión de Investigación y Cultura de la Enseñanza del Español Lengua Extranjera, v. 2,1 , p. -, 2001.

Magdalena Coll, Bilingüismo sem diglosia: O português e o espanhol no norte do Uruguai no século XIX . In: Ana Maria Carvalho (Org.). *Portugues em Contato*. Frankfurt/Madrid, Iberoamericana. Editorial Vervuert, 2008, p. 237-255,

MOTA, H. B. *Aquisição segmental do português: um modelo implicacional de complexidade de traços*. Porto Alegre, 1996. Tese (Doutorado) PUC.

NAVARRO TOMÁS, T. *Manual de pronunciación del español*. Madrid, Raycar – Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1963.

NUÑEZ-CEDEÑO, Rafael; MORALES-FRONT, Alfonso. *Fonología Generativa contemporánea de la lengua española*. Washington D.C.: Georgetown University Press, 1999. p. 203-230.

QUEDNAU, L.R., A lateral pós-vocálica no português gaúcho: uma análise variacionista e representação não-linear. Porto Alegre, UFRGS, 1993. (Dissertação de Mestrado)

QUILIS, A. e FERNÁNDEZ, J.A *Curso de fonética y fonología españolas*. 4ed. Madrid, Instituto Miguel de Cervantes, 1969.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. *Esbozo de una nueva gramática de la lengua española*. Madrid Espasa-Calpe 1978.

RONA, J.P. El “dialecto” fronterizo del norte del Uruguay. Montevideo Facultad, de Humanidades, 1965.

SELKIRK, E. Prosodic domains in phonology: sanskrit revised. In: ARONOFF, M. & KEAN, M.L (orgs.) *Juncture*. Saratoga. Calif.: Anma Libri, 1980.

SASSI, María Pía Mendonza. *A palatalização na cidade de Santa Vitória do Palmar*. UCPel, 1997. Dissertação de Mestrado, 1997.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo, Ática, 1986.

_____. (org) Fotografia sociolinguísticas. Campinas, Pontes e Unicamp, 1989.

THUN, H.; BOLLER, F.; HARDER, A.; PEEMÖLLER, J. *Atlas Lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay (ADDU)*. Kiel: Westensee-Verl, 2000.

VASQUÉZ, Washington. El fonema /s/ en el español del Uruguay. Montevideo, Revista de la Facultad de Humanidades y Ciencias 10:84-93. 1953

VIRGINIA BERTOLOTTI, SERRANA CAVIGLIA, MAGDALENA COLL, MARIANELA FERNÁNDEZ; Documentos para la historia del portugués en el Uruguay. Facultades de Humanidades y Ciencias de la Educación – Montevideo, 1994.

WETZELS, L. *Harmonização vocálica, truncamento, abaixamento e neutralização no sistema verbal do português: uma análise auto-segmental*. Caderno de Estudos Lingüísticos, Campinas, n. 21, p. 25-58, jul./dez. 1991.

WEINREICH, URIEL. *Languages in Contact* (1953)

MULTIMEDIA

pt.wikipedia.org

<http://criarmundos.do.sapo.pt/Linguistica/pesquisalinguagem007.html>